

OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2022

o

NÚMERO 40



Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem

Milton Nascimento

EDITORIAL

E *OS SONHOS NÃO ENVELHECEM*, diz um verso da belíssima canção de Milton Nascimento.

Verdade!

Especialmente nessa época do ano, quando os desejos (mesmo latentes) se manifestam com cores mais fortes e brilhantes.

Afinal, como dizia Freud, *O SONHO REPRESENTA A REALIZAÇÃO DE UM DESEJO*.

Ou *O SONHO É UMA ARTE POÉTICA INVOLUNTÁRIA*, segundo Kant.

Fato é que *NADA É TÃO NOSSO COMO OS NOSSOS SONHOS*. A afirmação é de Nietzsche.

Mesmo que *SONHAR SEJA UM SONHO IMPOSSÍVEL, VOAR NUM LIMITE IMPROVÁVEL, TOCAR O INACESSÍVEL CHÃO*, como diz a música de Chico Buarque.

Sonhemos, pois.

BOA LEITURA E FELIZ NATAL!

Foto de capa: Elâine Cristine / Flickr – *Sonho*

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradores: Antonella Kann e Bruno Calixto

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Bazaar*, espetáculo inédito do *Cirque du Soleil* | Grupo Galpão inicia temporada em São Paulo | *Prot{ag}onistas – O Movimento Negro no Picadeiro* | *A Filha da Virgem*, monólogo com texto e atuação de Wanderlucy Bezerra | *Desmonte* – espetáculo baseado nos crimes ambientais que causaram o rompimento de barragens em Brumadinho e Mariana / MG

21

Carlos Zilio celebra 60 anos de trajetória com exposição inédita na Fundação Iberê, Porto Alegre / RS

28

“Inserções” na Galeria Patrícia Costa, RJ – Adriano Mangiavacchi completa mais de 40 anos de trajetória e exhibe novas obras

30

Daniela Santa Cruz, Karin Cagy, Mirta e Paula Boechat apresentam *“Quarteta”* no Estúdio Ipê, novo espaço cultural no Rio de Janeiro

34

Liana Nigri – Gestos de Contato

38

Masp apresenta a maior exposição dedicada à produção de Judith Lauand, no ano do centenário da artista

41

Madalena Santos Reinbolt, pioneira de arte têxtil, tem primeira mostra individual

46

“Trama/Objeto Pintura/Xico Chaves” – Obras inéditas do artista compõem a mostra do Paço Imperial, RJ, até 12 de fevereiro de 2023

50

DIRETO DE LONDRES: A Potência do Barro – *“Strange Clay: Ceramics in Contemporary Art”* na Hayward Gallery

56

“Manguezal: Maretório Feito de Nós” – Documentário desvenda o cotidiano dos manguezais da Amazônia

61

Renttartt, primeira plataforma brasileira de locação de obras de arte

63

TURISMO: Esquiando nas Dolomitas, sem nunca ter que repetir pista alguma

69

GASTRONOMIA: Como se come bacalhau na Noruega? | Bacalhau de Natal com especiarias



Foto: Juliano Palma

**BAZZAR, ESPETÁCULO INÉDITO DO *CIRQUE DU SOLEIL*,
SERÁ APRESENTADO NO PARQUE OLÍMPICO, RJ,
DE 8 A 31 DE DEZEMBRO**

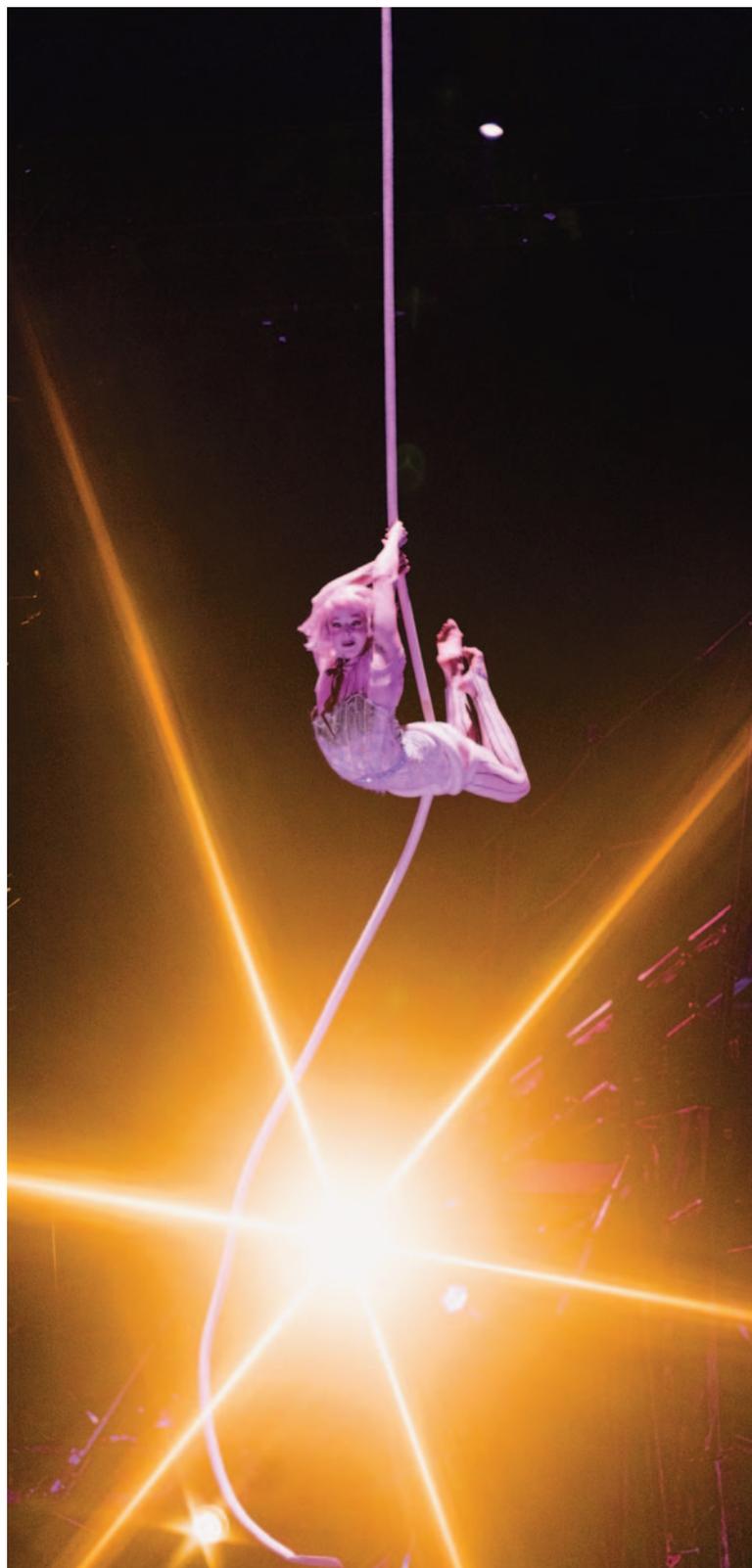
O Cirque du Soleil, no Rio de Janeiro, mudou para o Parque Olímpico, onde será exibido o espetáculo inédito no Brasil, Bazaar. Todos os ingressos já adquiridos seguem válidos, sem alterações em setores, datas e sessões. A entrada do público no Parque Olímpico será feita pela Avenida Embaixador Abelardo Bueno, 5001, Barra da Tijuca, ao lado do hotel Courtyard by Marriot.

O espetáculo traz um laboratório eclético de criatividade infinita onde uma alegre trupe de acrobatas, dançarinos e músicos cria um show inspirador. Liderados por seu Maestro, eles se unem para inventar um universo caprichoso e único. Num lugar onde se espera o inesperado, o colorido grupo reimagina, reconstrói e reinventa cenas vibrantes num jogo artístico e acrobático de ordem e desordem.

A emoção de alta energia, a colisão de sons e cores e o ponto de encontro de diversos personagens que se encontrariam em um tradicional “*bazar*”, inspiraram o nome do espetáculo. A ortografia é um pouco diferente, onde o duplo ‘zz’ representa o loop de tempo que se sente durante a aventura. Como uma palavra, *Bazzar* também é lido quase da mesma forma ao contrário. Como a performance, quando se pensa que se sabe para onde a história está indo – há uma reviravolta.

Escrito e dirigido por Susan Gaudreau, *Bazzar* leva o espectador para dentro do processo como nunca antes. “*Meu ponto alto é o processo criativo*”, afirma a escritora e diretora. “*Adoro criar com as pessoas. Não há nada mais fascinante para o público do que quando os artistas compartilham isso com você – O que eles passam... Seu mundo interior e criativo*”, completa.

Liderada pelo Maestro, a trupe se une para inventar um universo caprichoso e único. Com seu precioso Chapéu como ferramenta final para proclamar a ordem, o Maestro dirige a trupe à medida que ela se desenvolve... Apenas para ver seu gênio se desfazer nas mãos de um trapaceiro, cuja curiosidade é um catalisador de enigmas ao longo do caminho para a criação.



Tão sinuoso e emocionante quanto o próprio processo criativo, uma divertida busca de ordem e desordem segue entre o Maestro e o brincalhão; ambos atraídos pela presença do Chapéu e pelo poder que isso acarreta. *Bazaar* também é uma homenagem aos primórdios do Cirque du Soleil, quando uma trupe intimista de artistas de rua há mais de 30 anos surpreendeu multidões.

SEIS ATOS

A apresentação é dividida em seis atos temporais e espaços cenográficos que mudam de forma, guiando os fãs pelas reviravoltas do processo criativo.

SOBRE O CIRQUE DU SOLEIL

O Cirque du Soleil redefiniu como o mundo vê o circo; de talento de cidade pequena a um nome familiar. Com sede em Montreal (Quebec), a organização canadense se tornou líder global em entretenimento ao vivo com a criação de experiências imersivas e icônicas de renome mundial, em seis continentes. O Cirque du Soleil se conecta com o público por ser genuíno, humano e inclusivo. Privilegiada por trabalhar com artistas de 90 países para dar vida à sua criatividade nos palcos de todo o mundo, a empresa visa causar um impacto positivo nas pessoas, comunidades e no planeta com suas ferramentas mais importantes: criatividade e arte. Ao longo dos anos, mais de 215 milhões de pessoas foram inspiradas, em mais de 70 países diferentes. Para mais informações, visite cirquedusoleil.com.

SERVIÇO

Cirque du Soleil – *Bazaar*

Parque Olímpico – Av. Embaixador Abelardo Bueno, 5001, Barra da Tijuca / RJ

Temporada: de 8 a 31 de dezembro de 2022

Sessões e horários:

Terça-feira, às 21h | Quarta, quinta e sexta-feira, às 17h* e 21h | Sábado, às 13h*, 17h e 21h | Domingo, às 16h e 20h – *apenas em datas específicas

Abertura do local: 1h antes do show

Capacidade: 2500 lugares

Duração: 2 horas, com 20 minutos de intervalo

Classificação: Livre. Menores de 12 anos de idade somente acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Sujeito à alteração por decisão Judicial.

Acesso para deficientes: Acesso e assentos disponíveis.

Bilheteria oficial (sem taxa de serviço) – disponível até o dia 8 de Dezembro – Shopping Metropolitan (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 1300, Barra da Tijuca)

Segunda-feira a sábado – Das 10h às 22h

Domingo – Das 14h às 20h

Vendas online (com taxa de serviço) – Através do site

www.eventim.com.br/cirquebazaar



GRUPO GALPÃO CELEBRA 40 ANOS E INICIA TEMPORADA EM SÃO PAULO



Espectáculo *Till, a saga de um herói torto*

Foto: Humberto Araujo

Programação comemorativa inclui os espetáculos Till, Nós e De tempo somos

Uma das companhias de teatro mais importantes do Brasil, o Grupo Galpão, completa 40 anos em 2022 e faz em dezembro sua temporada em São Paulo. Nos dias 3 e 4, sábado e domingo, às 18h, no Teatro Flávio Império, o Grupo mostra na capital paulista sua tradição de teatro de rua: o espetáculo “*De tempo somos*”, uma peça que celebra o encontro do teatro com a música, marca registrada do grupo em seus 40 anos de história, que estreou em 2014. A montagem tem direção de Lydia Del Picchia e Simone Ordonez, que também estão no elenco, junto com Antonio Edson, Beto Franco, Eduardo Moreira, Fernanda Vianna, Luiz Rocha (ator convidado), Júlio Maciel e Paulo André. O evento é gratuito com entrada sujeita à lotação do espaço.



Nos dias 6 e 7 de dezembro, às 21h, e no dia 8 de dezembro (em duas sessões: às 18h e às 21h), no Teatro Procópio Ferreira, a companhia revisita uma de suas principais montagens de rua, que ganha os palcos este ano, o espetáculo “*Till, a saga de um herói torto*”, de 2009, com texto de Luis Alberto de Abreu e direção de Júlio Maciel. No elenco, Antonio Edson, Arildo de Barros, Beto Franco, o ator convidado Eliseu Custódio, Eduardo Moreira, Inês Peixoto, Lydia Del Picchia, Simone Ordonez e Fernanda Vianna, que nesta temporada substitui a atriz Teuda Bara. Os ingressos estão à venda na bilheteria do teatro e no site <https://site.bileto.sympla.com.br/teatroprocopioferreira/>, a R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia).

Entre os dias 14 e 17 de dezembro, de quarta a sábado, às 19h, no Teatro do Centro Cultural Olido, o público poderá matar a saudade do espetáculo “*Nós*”, de 2016, com direção de Marcio Abreu. No palco, Antonio Edson, Beto Franco, Eduardo Moreira, Júlio Maciel, Lydia Del Picchia, Paulo André e Inês Peixoto, que nesta temporada substitui a atriz Teuda Bara, celebram a vida enquanto preparam a última sopa e debatem, sob um prisma político, questões do mundo contemporâneo – a intolerância, a violência, a diversidade e a convivência com a diferença. O evento é gratuito com entrada sujeita à lotação do espaço. Retirada de ingressos na bilheteria com 1h de antecedência.

Criado por cinco atores em 1982, a partir do espetáculo “*A alma boa de Setsuan*”, montagem conduzida por diretores do “*Teatro Livre de Munique*” da Alemanha, após algumas oficinas realizadas em Belo Horizonte, o Galpão se valeu dessa rica experiência para se lançar



Espectáculo
Nós
Foto: Guto Muniz

numa proposta de construção de um teatro de grupo, de pesquisa e com raízes profundamente populares. Hoje, com 12 integrantes no elenco, o Grupo é formado por Antonio Edson, Arildo de Barros, Beto Franco, Chico Pelúcio, Eduardo Moreira, Fernanda Vianna, Inês Peixoto, Júlio Maciel, Lydia Del Picchia, Paulo André, Simone Ordones e Teuda Bara.

Para o ator Eduardo Moreira, diretor artístico e um dos fundadores do Grupo, em 1982, *“a atual versão ressignifica os cenários e os figurinos, numa nova leitura da peça que busca uma maior agilidade e versatilidade, especialmente na relação direta com o público. Num momento em que é urgente que a arte e o teatro reencontrem o público, o Galpão mergulha numa de suas obras mais populares, trazendo uma reatualização do sentido da saga de Till Eulenspiegel, um anti-herói que desmascara e revela a violência dos poderosos e a exploração dos desvalidos. Resgatar a montagem de Till para o nosso repertório nesse momento faz todo o sentido, especialmente sob a perspectiva da celebração do*

encontro com o público amplo e diversificado, tanto no palco como na rua”, ressalta.

“NÓS somos nós, esse coletivo de 40 anos de existência e nós, seres humanos e artistas de teatro para lá dos cinquenta, com suas perplexidades, questões, angústias, algumas esperanças e muitos nós”, explica Eduardo Moreira. *“Remontar essa peça nos 40 anos do Galpão nos pareceu algo inevitável, já que ela é política e debate a convivência, mas também por aproximar ator e personagem e, dessa maneira poética, acabar falando muito do que é ser um grupo de teatro”*, completa o ator.

SOBRE O GRUPO GALPÃO

Criado em 1982, o Grupo Galpão tem sua origem ligada à tradição do teatro popular e de rua. Há 40 anos desenvolve um teatro que alia rigor, pesquisa e busca de linguagem, com montagem de peças que possuem grande poder de comunicação com o público. Formado por atores que trabalham e trabalharam com diferentes diretores convidados – como Gabriel Villela, Cacá Car-

valho, Paulo José, Yara de Novaes e Marcio Abreu (além dos próprios integrantes que também já dirigiram espetáculos do Grupo) – o Galpão formou sua linguagem artística a partir desses encontros diversos, criando um teatro que dialoga com o popular e o erudito, a tradição e a contemporaneidade, o teatro de rua e o palco, o universal e o regional brasileiro.

SERVIÇO

“De tempo somos”

3 e 4 de dezembro de 2022 – Sábado e domingo, às 18h

Duração: 70 minutos | Gênero: sarau literário musical

Classificação: livre

Teatro Flávio Império – Rua Prof. Alves Pedroso, 600, Cangaíba, São Paulo / SP

Evento gratuito – Entrada sujeita à lotação do espaço

Informações: (11) 2621-2719 e grupogalpao.com.br

Till, a saga de um herói torto”

6, 7 e 8 de dezembro de 2022 – Terça e quarta às 21h

Quinta às 18h e às 21h (duas sessões)

Duração: 90 minutos | Gênero: tragicomédia

Classificação: livre

Teatro Procópio Ferreira – Rua Augusta, 2823, Cerqueira César, São Paulo / SP

Ingressos: R\$ 40 (inteira) R\$ 20 (meia-entrada)

<https://site.bileto.sympla.com.br/teatroprocopioferreira/>

Informações: (11) 3083-4475 e grupogalpao.com.br

“Nós”

14 a 17 de dezembro de 2022 – De quarta a sábado, às 19h

Duração: 90 minutos | Gênero: teatro contemporâneo

Classificação indicativa: 16 anos

Teatro do Centro Cultural Olido – Avenida São João, 473, Centro Histórico de São Paulo / SP

Evento gratuito – Entrada sujeita à lotação do espaço

Retirada de ingressos na bilheteria com 1h de antecedência

Informações: grupogalpao.com.br

Todos os eventos contam com tradução em LIBRAS

Mais informações: grupogalpao.com.br



Grupo Galpão

Foto: Mateus Lustosa



“PROTAGONISTAS O MOVIMENTO NEGRO NO PICADEIRO” celebra vidas negras e as trajetórias em diáspora, no CCSP

Montagem icônica sobre a cena circense negra se apresenta no CCSP dias 1º, 3 e 4 de dezembro; a montagem concentra cerca de 25 artistas em números de palhaçaria, contorcionismo, perna de pau e muita música

Foto: Cassandra Mello





Foto: Mariana Ser

O espetáculo *Prot{agô}nistas* exhibe números de circo, dança, música e palhaçaria que fazem o olhar da plateia não desgrudar do elenco. Mas a montagem tem um propósito igualmente grande: reunir os melhores profissionais pretos para compor um recorte que o subtítulo tão bem explica, que é o “*movimento negro no picadeiro*”. Assim é *Prot{agô}nistas*, que tem direção de Ricardo Rodrigues e faz curtíssima temporada no CCSP – Centro Cultural São Paulo nos dias 1º, 3 e 4 de dezembro.

Logo após a sessão do dia 3, haverá um bate-papo com o tema “*Estou aqui – O lugar ocupado pelo artista negro e sua representatividade na cena cultural nacional*”, com a participação da atriz Mafalda Pequeninno e o elenco do espetáculo. O objetivo é falar a respeito da criação do espetáculo e também sobre como está o panorama artístico preto de São Paulo. A mediação será de Christiane Gomes, jornalista, mestra em comu-

nicação e cultura pela Universidade de São Paulo e bailarina do corpo de dança do grupo Ilu Obá de Min, onde também é coordenadora. Atualmente atua na Fundação Rosa Luxemburgo.

Com patrocínio exclusivo da Unilever, *Prot{agô}nistas – O Movimento Negro no Picadeiro* – que acaba de passar pelo FIT BH – Festival Internacional de Teatro, realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais – faz em São Paulo um dos pontos de circulação do espetáculo, que na sequência se apresenta em Recife e Rio de Janeiro, ainda no primeiro trimestre de 2023.

Para a multinacional, “*promover e impulsionar a representatividade racial dentro e fora da Unilever é uma das maneiras de contribuir para um mundo mais justo e inclusivo. O espetáculo ‘Prot{agô}nistas – O Movimento Negro no Picadeiro’ é um dos projetos conectados à*

nossa agenda de equidade racial, que encorpa as iniciativas do Fundo Afrolever e reafirma o nosso papel de agentes de transformação social, gerando o impacto positivo que acreditamos e apoiamos”, explica Suema Rosa, head de reputação e assuntos corporativos do Brasil e América Latina da Unilever.

Prot{agô}nistas é um espetáculo de linguagem plural que reúne artistas da música, da dança e do circo em sintonia fina para além da celebração, estabelecida por uma dramaturgia que convida a plateia a contemplar a estética negra em discurso permeado de potência e técnica apurada. Vinte e um artistas ocupam o palco para acontecer na cena contemporânea, trazendo resistência da diáspora brasileira em vozes e corpos plenos de identidade e expressão.

O espetáculo tem um elenco formado somente por artistas negros, com todas as variantes do colorismo, olhar e atitude sobre a presença feminina na cena, na liderança e artistas LGBTQIA+ formando uma rede de conexão com todas as periferias da grande São Paulo. São artistas comprometidos com o discurso contemporâneo sem perder a magia e o entretenimento do encontro do público com a cena, com a arte.

AGÔ palavra oriunda do loruba, com grafia do título colocada entre chaves, simboliza a abertura de caminhos e o anúncio de apropriação do centro da cena-lona-palco pela expressão artística da negritude paulista e sua ancestralidade.

O diretor Ricardo Rodrigues reflete sobre a atualidade da montagem, estreada em 2019: *“Prot{agô}nistas traz em sua narrativa não só a denúncia do genocídio da população negra, mas também o anúncio e a celebração da vida. São mais de duas dezenas de artistas da diáspora, potentes em suas técnicas e presença cênica, e que enaltecem a beleza negra, suas ancestralidades, aquilombamentos e afetividades numa estética afrofuturista”.*

O ESPETÁCULO

Uma dramaturgia que ressalta estética e poder. *Prot{agô}nistas*



Foto: Mariana Ser

é uma celebração com sonoridade contemporânea e discurso de empoderamento. O elenco ocupa o palco guiado pelo ritmo – da capoeira ao hip hop, do balé ao Gumboot Dance, e traz o tom acrobático que permeia todo o espetáculo com performances organizadas por Washington Gabriel.

O espetáculo tem sequência com cenas e números circenses de faixa, palhaçaria, tecido, malabares, trapézio, contorcionismo, perna de pau e equilíbrio. Seu contexto vai além da celebração e transita pelo humor e poesia; a iluminação traz o foco e o tom em cores que ressaltam a essência do panteão da África.

A musicalidade foi arquitetada a partir da dramaturgia de Ricardo Rodrigues e organizada por Renato Ribeiro. Com a maioria de canções compostas pela própria banda e arranjadas para o espetáculo por Tô Bernado, a cena ganha vigor e organicidade para potencializar a força imagética do espetáculo.

O *Coletivo Prot{agô}nistas* exalta e resalta a (r)existência, o poder, a estética e ética de uma negritude em diáspora através de uma narrativa afro-referenciada, celebrativa, ancestral, representativa e afetiva.

SERVIÇO

Espectáculo “Prot{agô}nistas – O Movimento Negro no Picadeiro”

Centro Cultural São Paulo (CCSP) – Rua Vergueiro, 1000, Vergueiro, São Paulo / SP

Ingressos dias 1º e 4 de dezembro: R\$10,00

Ingressos dia 3 de dezembro: ingressos gratuitos (retirada uma hora antes do início do espetáculo)

Palestra dia 3 de dezembro após espetáculo às 21h15

A sessão do espetáculo e a palestra são atividades gratuitas e têm acessibilidade em libras e audiodescrição.

Venda de ingressos na bilheteria do CCSP – Centro Cultural São Paulo





“A FILHA
DA VIRGEM”,
monólogo com
texto e atuação
de Wanderlucy
Bezerra,
faz única
apresentação
gratuita,
no Teatro
Alcione Araújo,
Rio de Janeiro,
dia 7

Com direção de Sandra Calaça e Leo Carnevale, e supervisão de Luiz Carlos Vasconcelos, a peça autobiográfica relembra episódios importantes da vida da atriz pernambucana, sua relação com os pais e com a arte, além de compartilhar, com leveza, seus traumas, dores e frustração

Foto: Victor Hugo Cecatto



A atriz Wanderlucy Bezerra cresceu em uma cidade do interior de Pernambuco, com o carinho de duas mães adotivas, mas desde cedo conheceu as adversidades da vida: “pobre”, “nordestina”, “adotada”, “dentuça” e “feia” foram alguns dos adjetivos recebidos na infância. Determinada, superando momentos de tristeza e depressão, nunca deixou de sonhar com dias melhores e de construir uma carreira de atriz.

E foi nessa mistura de uma vida de conquistas e adversidades que ela escreveu *“A Filha da Virgem”*, monólogo autobiográfico em que atua sob direção de Sandra Calaça e Leo Carnevale, com supervisão de Luiz Carlos Vasconcelos. A peça faz uma única apresentação gratuita, no Teatro Alcione Araújo – Biblioteca Parque Estadual, no Centro do Rio, dia 7, às 15h, e contará com debate após a sessão. O espetáculo tem patrocínio do

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, através do Edital Retomada Cultural RJ 2.

Wanderlucy, que mora no Rio de Janeiro desde 2008, conta que uma de suas principais motivações ao escrever o espetáculo foi sensibilizar pais, familiares e amigos sobre a responsabilidade de se educar uma criança e perceber os indícios de abusos na infância. Abandonada pelos pais biológicos, a atriz teve duas mães adotivas. Seu caráter foi construído com a educação rígida da segunda, uma mulher estéril, deixada pelo marido, manicure e criadora de porcos, mas que deu muito amor para essa única filha. Entretanto, esses cuidados não foram suficientes para, naquele ambiente, evitar os abusos sofridos.

“Desejo alertar os pais, avós, tios, cuidadores de crianças e adolescentes para que tenham um olhar mais aguçado e percebam qualquer sinal de comportamento abusivo com elas. As crianças, muitas vezes, se sentem culpadas e não relatam ou nem percebem o abuso que sofrem”, comenta a autora.

O espetáculo intercala cenas biográficas com danças, músicas e expressões populares que fizeram parte da vida de Wanderlucy Bezerra naquele ambiente rico da cultura popular nordestina. *“Criamos um espetáculo diverso, que é costurado através das danças, histórias e músicas da cultura popular, para tratar de assuntos como xenofobia, violência sexual na infância, violência sexual com a mulher, pedofilia, aborto, adoção, gravidez, família, machismo, entre tantos outros”,* reforça a diretora Sandra Calaça. *“É uma história que abre por-*

tas para múltiplas discussões, por isso convidamos profissionais da área de psicologia, psiquiatria, psicanalistas, advogados, entre outros, para o debates ao final da apresentação”, completa o diretor Leo Carnevale.

SERVIÇO

Monólogo “A Filha da Virgem”

Teatro Alcione Araújo – Biblioteca Parque Estadual
Av. Presidente Vargas, 1.261, Rio de Janeiro / RJ
Dia e horário: 07/12, às 15h

A sessão contará com intérpretes de libras
Tel.: (21) 2216-8501

Bate-papo com a atriz e convidados: 16h
Ingressos: gratuitos, com retirada pelo Sympla:
<https://www.sympla.com.br/evento/a-filha-da-virgem/1754850> ou no local, a partir das 14h, no dia da apresentação.

Classificação Etária: 16 anos



DESMONTE

Grupo Girino leva ao Sesc Pompeia, SP, espetáculo baseado nos crimes ambientais que causaram o rompimento de barragens em Brumadinho e Mariana / MG



Sediado em Minas Gerais, reconhecido como um dos principais grupos de Teatro de Animação do país e em atividade desde 2006, Grupo Girino apresenta, a partir do dia 2, temporada de Desmonte – décimo terceiro espetáculo da companhia –, que faz uso de bonecos, miniaturas e Live Cinema para abordar os maiores e mais recentes desastres ambientais no Brasil

A criação de *Desmonte* teve início em 2018, três anos após o rompimento da barragem de Mariana, catástrofe ambiental, com registros de mortes e desaparecidos. No início de 2019, nova tragédia se abateu sobre o solo mineiro: rompimento da barragem de Brumadinho, cujo lastro de destruição foi ainda maior. Além de alertar sobre a importância de denunciar esses crimes, o *Grupo Girino* trabalha para não permitir o apagamento dessas histórias.

A peça propõe o diálogo do Teatro Visual com o Live Cinema, com temporada a partir do dia 2, no teatro do Sesc Pompeia. No elenco, Iasmim Marques, Kely Daiana e Marco Aurélio Bari. A direção e a dramaturgia são de Tiago Almeida. A companhia mineira também ministra, dia 11 de dezembro, gratuitamente, o Workshop *Teatro Visual*. As inscrições podem ser feitas pelo e-mail oficinascenicaspompeia@sescsp.org.br.

DESMONTE

Em um espetáculo sem falas, com dramaturgia baseada justamente nas narrativas de pessoas silenciadas pelas tragédias que ocorreram em Minas Gerais, *Desmonte* traz mais de 160 elementos cênicos manipulados por atores, que exploram também bonecos, máscaras e maquetes, trazendo para o centro da ação a visualidade da cena.

Em paralelo, seis câmeras no palco se movimentam e configuram diferentes enquadramentos, propondo

uma nova perspectiva para o público por meio deste recurso, nomeado *Live Cinema*. O diálogo da cena criada e da cena projetada expõe outras camadas de significados e possibilidades de relação entre o que é feito e o que é exibido.

"Na narrativa, as personagens são apresentadas por meio de suas memórias e afetos, que são tomadas pela lama após o rompimento. Com esse atropelo, as memórias são apagadas e reproduzidas, potencializando a performance audiovisual a partir das composições cênicas", conta Tiago Almeida, diretor do grupo.

Segundo Iasmim Marques, atriz e diretora de produção, as personagens são arquétipos deste universo: o em-



Foto: Hugo Honorato

pregador da indústria da mineração, pessoa também vitimizada por práticas de exploração e dependência; uma senhora pertencente à comunidade rural, e pessoas do entorno que habitam e circulam por regiões próximas de barragens.

Para a composição do espetáculo, o grupo fez pesquisas em campo, visitando as áreas afetadas e oferecendo oficinas artísticas aos moradores locais. *"Foram muitos quilômetros invadidos pela lama; chegamos a ver uma parte do rio soterrado, silenciado por ela, e ouvíamos o barulho do seu curso bem ao fundo"*, comenta Iasmim. *"Foi muito importante para nós entender outros pontos de vista. Chegamos a fazer trocas com profissionais ativistas ambientais, psicólogos e assistentes sociais para que a nossa leitura pudesse ser cuidadosa e sensível. É um acontecimento estarrecedor. Quem assiste a tragédia pelos noticiários, não tem a real dimensão do impacto para toda a população nacional"*, completa.

SOBRE O GRUPO GIRINO

O Grupo Girino é uma das principais Companhias de Teatro de Animação do país, desenvolve projetos de espetáculos, oficinas, publicações, materiais pedagógicos e festivais. Fundado em 2006, montou 13 espetáculos e circulou por centenas de festivais nacionais e internacionais.

O Grupo consolidou uma trajetória de pesquisa nas técnicas híbridas do Teatro de Bonecos e Animação, mesclando atuação, manipulação de bonecos, objetos e projeção de vídeos. Um importante eixo norteador da companhia é o desenvolvimento de projetos educativos e de formação artística.

O Grupo ministra oficinas e cursos para públicos de todas as idades, além de oferecer capacitação na montagem de novos espetáculos. Desde 2012 realiza o *FESTIM – Festival de Teatro em Miniatura* que já recebeu mais de 200 espetáculos do Brasil e exterior, nas técnicas de micro narrativas em pequenos formatos.

SERVIÇO

Desmorte

Temporada: De 2 a 11 de dezembro de 2022*

Quarta a sábado, às 21h; domingo, às 18h

*Obs.: Nos dias 9 e 10 de dezembro haverá uma sessão extra às 18h

Local: Teatro Sesc Pompeia – R. Clélia, 93 - Água Branca, São Paulo / SP

Classificação indicativa: 12 anos | Capacidade: 310 pessoas

Duração: 50 minutos

Ingressos: R\$ 40 (inteira) / R\$ 20 (meia)

R\$ 12 (credencial plena)

Link para compra de ingressos:

<https://www.sescsp.org.br/programacao/desmorte/>

Atividade formativa: *Workshop Teatro Visual*

Ministrante: Grupo Girino

Data: 11 de dezembro, domingo, das 10h30 às 13h30

Local: Teatro Sesc Pompeia | Acesso: Gratuito

Inscrições através do e-mail:

oficinascenicaspompeia@sescsp.org.br

Indicação etária: 16 anos | Quantidade de participantes: 15



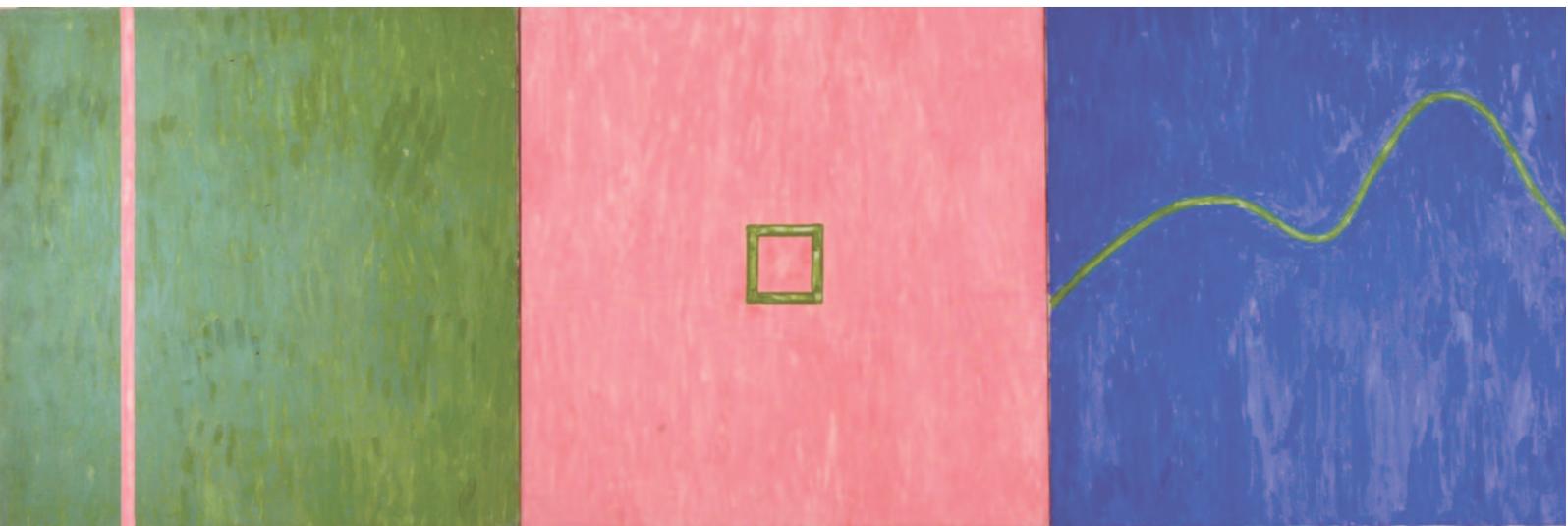
Foto: Hugo Honorato

Carlos Zilio celebra 60 anos de trajetória com exposição inédita na Fundação Iberê, Porto Alegre / RS



Carlos Zilio, *Tamanduá rothkiano*, 2020-2021

Carlos Zilio: Pinturas *exibe a obra de um artista fundamental na arte brasileira. Como poucos, Zilio soube traçar com rigor e coerência os vínculos entre vida, arte e política no Brasil e, ao mesmo tempo, trazer uma significativa reflexão sobre as contradições e os dilemas da pintura contemporânea*



Carlos Zilio, *3 em um*, 1979

Foto: Divulgação

No dia 10, a Fundação Iberê inaugura a exposição *Carlos Zilio: Pinturas*, comemorativa aos 60 anos da trajetória do artista, que ocupa uma expressiva presença no cenário de arte contemporânea. Com curadoria de Vanda Klabin, a mostra apresenta 33 trabalhos do acervo do próprio artista e de coleções particulares, que contextualizam e refletem sobre uma série de obras produzidas entre 1979 e 2022 com o propósito de discutir problemas específicos da própria pintura.

O artista submete o seu olhar contemporâneo à diversidade da experiência cultural, a determinadas formulações plásticas e códigos visuais extraídos da icono-

grafia histórica, realocando-os transfigurados em suas telas. Zilio reconfigura o passado recente fazendo uma espécie de arqueologia da memória da pintura universal e desestabiliza o olhar, pondo em xeque a linha evolutiva das imagens e, conseqüentemente, a história da arte, na mesma acepção proposta pelo filósofo francês Didi-Huberman, em *Devant le Temps*.

“Essa mostra revê a importante produção de Zilio ao longo de sua trajetória artística, que foi inicialmente marcada, nos anos 1960, pela investigação conceitual, pela experimentação e pela presença de objetos com contextualizações políticas. Após atravessar um longo

período em que a sua arte engajada tinha como foco uma produção estética investida de um alto teor político, ele abandona o contexto experimental para se entregar ao exercício livre da pintura. O seu embate com a história da pintura como uma permanente indagação, com as suas tensões e contradições, fazem parte das questões fundamentais que delineiam o desenvolvimento interno de sua linguagem pictórica”, afirma a curadora.

Para Vanda Klabin, “a formação multidisciplinar com doutorado em arte na Universidade de Paris VIII, a fina erudição visual e o virtuosismo crítico consolidaram a presença efetiva de Zilio na arte brasileira e fundamentaram conhecimento de um viés significativo no pensamento contemporâneo de arte no Brasil”. A curadora trabalhou por muitos anos como coordenadora-adjunta de Carlos Zilio no curso de pós-graduação em História da Arte e Arquitetura na PUC-Rio.

Para Zilio, o que mais o atrai em seus antecessores é a maneira como eles captaram e sintetizaram toda a tradição da pintura universal: “*Pin tar passou a ser, para mim, pintar a pintura*”. O gesto pulsante que emerge dessa pintura reflexiva confirma tanto a autonomia criativa quanto o amadurecimento de um pensamento lentamente gestado e exercitado pelo artista em seu ateliê no Cosme Velho, no Rio de Janeiro.

Ele transita pela história da pintura, apropriando-se de códigos, estilos e gramáticas visuais que,



Carlos Zilio, *Aquerela do Brasil / o diabo e o bom deus*, 1979
Foto: Divulgação

por diversas razões, o instigam, como as cores orquestrais e elementos geometrizados de Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, Alberto da Veiga Guignard; as questões plásticas de Paul Cézanne e Jasper Johns, determinados arabescos de Henri Matisse; a disjunção da pintura frontal de Henri Rousseau; a pintura planar de Piet Mondrian; a organização espacial de Barnett Newman; o minimalismo de Robert Ryman; a exuberância cromática de Mark Rothko, entre tantos outros.

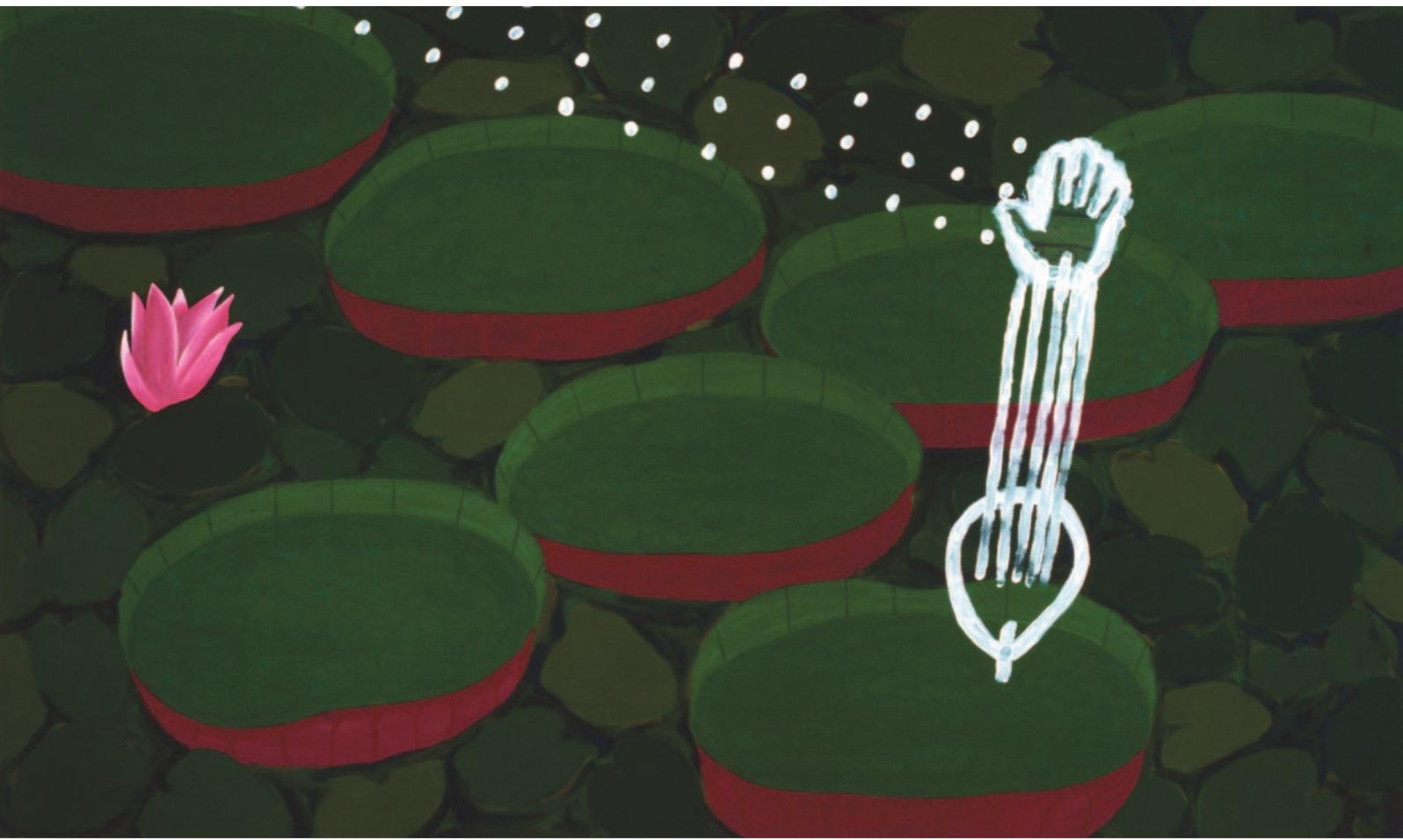
Seus trabalhos recentes têm como tema central e recorrente a figura do tamanduá. Por conta de uma

história familiar, o tamanduá, animal de estimação de seu pai quando criança, tem uma natureza intrínseca, pois sempre aparece em queda nas suas representações e adquiriu um aspecto vivencial que sublinha a afetividade e a nostalgia. Mas também, segundo explica o artista, o tamanduá carrega o sentimento abismal da história, ou seja, uma representação à queda da história, das utopias.

“Os tamanduás rothkianos destacam uma outra camada de passado que se torna presente nesta arqueologia pictórica”, explica Zilio. São uma espécie de laços

Carlos Zilio, *Submerso*, 1986

Foto: Divulgação



inconscientes que se manifestam espontaneamente, cúmplices daquilo que o artista quer expressar: uma modesta tentativa de estabelecer algum contato com as pinturas de Mark Rothko.

Carlos Zilio teve uma proximidade e intensa convivência com Iberê Camargo. Foi seu aluno de pintura no antigo Instituto de Belas Artes da GB (atual Escola de Artes Visuais do Parque Lage) de 1962 a 1964. Após um período de produção marcado pela Nova Figuração e a arte conceitual, o reencontro de Zilio com a obra de seu mestre ocorreu em 1979, quando o artista viu uma mostra de Iberê na Galeria Debret, em Paris.

Esse fato coincidiu com a data em que Zilio retomou a pintura como questão central da sua produção. Mais tarde, declarou que *“a força e a atualidade de Iberê residem no aprofundamento de um antigo saber: a pintura”*. Ele manteve contato permanente com o pintor gaúcho, mesmo após o retorno definitivo de Iberê para Porto Alegre, e ficou trabalhando no ateliê de seu antigo mestre em Botafogo por mais de duas décadas.

SOBRE O ARTISTA

Carlos Zilio (Rio de Janeiro, 1944) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou pintura com Iberê Camargo e participou de algumas das principais exposições brasileiras da década de 1960, como *Opinião 66* e *Nova Objetividade Brasileira*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e de mostras com repercussão internacional, entre elas as edições de 1967, 1989 e 2010 da Bienal de São Paulo (9ª, 20ª e a 29ª), a 10ª Bienal de Paris

(1977), a Bienal do Mercosul e a exposição *Tropicália*, apresentada em Chicago, Londres, Nova York e Rio de Janeiro, em 2005. Na década de 1970 morou na França. Retornou ao Brasil em 1980 e participou de diversas mostras coletivas e individuais. A mais recente foi no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2011).

Em 2008, a editora Cosac Naify publicou o livro *Carlos Zilio*, organizado por Paulo Venâncio Filho. O artista possui trabalhos em acervos de importantes instituições, entre as quais o MoMA de Nova York.



Carlos Zilio e Iberê Camargo

Foto: Arquivo pessoal

CARLOS ZILIO: PINTURAS

Por Vanda Klabin / curadora*

A exposição *Carlos Zilio: Pinturas* com curadoria de Vanda Klabin, contempla um conjunto significativo de telas em grandes formatos, realizadas na década de 1979 até os dias atuais. Tem por objetivo apresentar uma leitura pública dos trabalhos recentes e totalmente inéditos do artista, já consagrado no cenário artístico nacional e internacional. Carlos Zilio teve sua pintura *Cerco e Morte*, realizada em 1974, adquirida para integrar o acervo do MoMA de Nova York. A obra participou da exposição realizada em 2015 pelo museu norte-americano: *Transmissions: Art in Eastern Europe and Latin America, 1960-1980*.

O pluralismo de sua fluida linguagem artística, híbrida e saturada de história, evidencia-se pelas pontuações rítmicas, usando os métodos tradicionais do fazer artístico na tela, tinta a óleo, espátulas e pincel. Mesmo com interrogações e respostas diferentes, existe um solo comum de questões e diálogos que se explicitam ao longo de sua produção, uma permanente interrogação sobre a pintura, suas modalidades, suas significações, seus dilemas, que se estabelecem através da própria história da arte e com o mundo ao redor: ser pintor pelas próprias qualidades da pintura.

O nosso olhar percorre um emocionante itinerário estético, tendo como eixo condutor a pintura, seu principal veículo expressivo e sua primeira vocação, reveladora de um caráter grandiosamente pictórico de seu pensamento. O caminho dos temas vem contrariar o modo

de representação, que se move no território entre a abstração e a figuração. O élan poético está presente nos diversos trabalhos do artista e reivindicam o legado das manifestações pictóricas do cenário contemporâneo.



Carlos Zilio, *Lute (marmite)*, 1967

Foto: Divulgação

Foi aluno de Iberê Camargo no antigo Instituto de Belas Artes da GB, a atual Escola de Artes Visuais do Parque Lage, de 1962 a 1964. Após um período de produção marcado pela *Nova Figuração* e pela arte conceitual, o reencontro de Zilio com a obra do Iberê só ocorreu ao ver a exposição deste em 1979 na Galeria Debret, em Paris. Esse fato coincidiu com a data em que retomou a pintura como questão central da sua produção. Mais tarde, declarou que a força e a atualidade de Iberê residem no aprofundamento de um antigo saber: a pintura. Ele manteve um contato permanente com Iberê mesmo após o retorno definitivo deste para Porto Alegre e ficou trabalhando no ateliê de seu antigo mestre, em Botafogo, no Rio de Janeiro, por mais de duas décadas.

Zilio participa de importantes exposições como *Opinião 66* e *Nova Objetividade Brasileira*, em 1967, ambas realizadas no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, com novas propostas para a prática artística e um posicionamento político-ideológico das vanguardas artísticas brasileiras, ligadas a discussões conceituais. Produziu obras que ficaram fortemente marcadas em sua iconografia, como a mala de executivo recheada de pregos, uma caricatura de existência repleta de ironias, intitulada *Para um Jovem de Brilhante Futuro* (1973) e *Lute* (1967), uma máscara com um rosto anônimo moldado em resina de cor amarela dentro de uma embleática marmitta de alumínio, pensada como um panfleto para ser distribuída em portas de fábricas. Esses objetos representam estratégias diversas de inserção da arte nas tramas sociais, o engajamento social, os fluxos coletivos como uma possibilidade política.

Em sua guinada para as telas, Zilio travou embates pictóricos com o trabalho de importantes artistas, estabelecendo um compromisso ético com a densidade de um processo histórico ao manter um diálogo sólido com a própria arte, sendo que pintura passa a ter sempre uma remissão a alguns artistas importantes. O seu caminho na pintura foi decidido num período de contradições e de uma aguda crise da arte contemporânea, sendo declarada a morte da arte.

O seu amigo e crítico de arte, Yve-Alain Bois, escreveu, no catálogo de sua exposição, sobre o prazer do artista em aprender um ofício que parece estar desaparecendo. Optou por um caminho singular: colocar a arte não num problema circunscrito ao século passado, mas

pensá-la dentro de uma longa tradição, questionar as bases que fundamentam a questão da pintura. Por isso, escolheu um desafio que se tornou permanente ao longo de sua trajetória: fazer pintura pensando em pintura, como seu ponto nodal. Assinala que o que de fato caracteriza este processo é o desafio permanente de pintar a pintura.

Carlos Zilio imprime suas marcas no mundo e nos dá a oportunidade de acompanhá-lo nas suas experiências estéticas que guardam infinitos enigmas. Sua produção artística sintetiza o desejo permanente de pintar a pintura e está aberta a novas indagações. Essa mostra constituiu uma importante oportunidade de tomarmos contato com a produção de um artista fundamental da arte brasileira, que soube traçar com rigor e coerência os vínculos entre vida, arte e política no Brasil e, ao mesmo tempo, trazer uma significativa reflexão sobre as contradições e os dilemas da pintura contemporânea.

* Vanda Klabin é cientista social, historiadora e curadora de arte. Nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro.



Carlos Zilio, *A queda do tamanduá*, 1986

Foto: Divulgação



Adriano Mangiavacchi, *Inserção 44*

Foto: Divulgação

“INSERÇÕES” NA GALERIA PATRÍCIA COSTA, RJ
Adriano Mangiavacchi completa mais de 40 anos
de trajetória e exhibe novas obras

Em 1982, o artista italiano Adriano Mangiavacchi fazia sua primeira individual no Parque Lage. Quatro décadas depois, ele apresenta obras recentes e inéditas na mostra *“Inserções”*, que abre no dia 8 de dezembro, na Galeria Patrícia Costa, em Copacabana, e no dia 14, na Casa de Petrópolis, na Serra Fluminense. Sob a curadoria de Claudia Saldanha, a exposição reúne mais de 18 trabalhos produzidos entre 2018 e 2022. O artista utiliza o processo de *“seripintura”* – termo concebido por ele –, que reúne as qualidades da pintura e da serigrafia, em telas de formatos diversos aglutinadas, como se fossem peças de outdoors, compondo uma única obra (algumas chegam a medir 1,60m x 2,20m).

São inserções casuais, como ele mesmo define, que resgatam paisagens com o colorido de amarelos, laranjas e verdes, presentes na natureza brasileira que Mangiavacchi tanto admira. As cores resultam de um processo de mistura de tintas acrílicas, depois numeradas, meticulosamente, para dar origem à sua própria paleta. Em alguns quadros, usa tintas iridescentes, resultando em reflexos metalizados.

O FASCÍNIO QUE A ARTE URBANA EXERCEU SOBRE MANGIAVACCHI

Aos sete anos de idade, Adriano Mangiavacchi já reproduzia a textura aveludada das flores com seus lápis de cor. Na década de 70, vem para o Brasil e conhece Luiz Aquila, quando passa a frequentar o seu curso de pintura, em Petrópolis. Em 1980, Adriano assume de fato a vocação pela arte, ingressando no grupo de Paulo Garcez, com quem aprende a disciplina de trabalho, a

procura da linguagem, a postura crítica. Retoma seu fascínio pela poesia urbana. Em 1986, véspera de eleições, documentou os restos de propagandas que cobriam os muros da cidade. A dramaticidade e espontaneidade dessas intervenções acabaram por influenciar uma fase marcante de sua carreira, em um momento de grande potencial pictórico. *“A cidade é uma fonte de inspiração extraordinária”*, afirma.

SERVIÇO

Exposição *“Inserções”* – Adriano Mangiavacchi

Curadoria: Claudia Saldanha

Abertura: 8 de dezembro, das 17h às 21h

Visitação: de 9 de dezembro de 2022 a 13 de janeiro de 2023

Funcionamento: de segunda a sexta, das 11h às 19h; sábados, das 11h às 17h

Local: Galeria Patrícia Costa – Av. Atlântica, 4.240 / lojas 224 e 225, Copacabana / RJ

Tel.: (21) 2227-6929 / 98868-1993

Classificação livre | Entrada franca

www.galeriapatriciocosta.com.br / [@galeriapatriciocosta](https://www.instagram.com/galeriapatriciocosta)



Adriano Mangiavacchi, *Inserção 47*

Foto: Divulgação



Daniela Santa Cruz,
Karin Cagy,
Mirta e
Paula Boechat
apresentam
“QUARTETA”
no Estúdio Ipê,
novo espaço cultural
no Rio de Janeiro

Daniela Santa Cruz
Foto: Divulgação

Assim como nos quatro versos de uma estrofe, Quarteta, exposição que é fruto do encontro das pintoras Daniela Santa Cruz, Karin Cagy, Mirta e Paula Boechat, são quatro forças, quatro vozes que se expressam ao olhar através de cores, formas, gestos e materialidade das telas. A mostra inaugura o Estúdio Ipê, novo espaço dedicado à arte no Itanhangá, com cerca de 20 pinturas, e também será exibida virtualmente, na plataforma internacional Artsy.net pela Galeria Chegamos (www.artsy.net/chegamos)

A parceria entre elas surgiu de um processo de maturação iniciado no contato semanal na Escola de Artes Visuais do Parque Lage: unidas pelos próprios questionamentos, suas propostas de pintura, histórias de vida e ideias heterogêneas, se revelaram ao mesmo tempo complementares e foi o que as uniu. Além do fato de serem mulheres e mães, elas têm em comum, acima de tudo, o fato de estarem envolvidas no fazer artístico pictórico.

Sob a curadoria da também artista e pesquisadora Luana Aguiar, *Quarteta* apresenta um conjunto de obras dessas artistas mulheres cisgênero que se autorizam e se reconhecem enquanto pintoras. *“Se num primeiro momento tal fato parece banal, é preciso lembrar da invisibilização histórica que as mulheres pintoras sofreram ao longo do tempo, de modo que uma reunião deste porte deve ser considerada sempre uma importante celebração”*, afirma a curadora.

Daniela Santa Cruz parte da abstração, da materialidade das tintas e de elementos orgânicos como areia, terra, gesso e água para falar de pertencimento, buscando sensações e atmosferas nas memórias de momentos experimentados no passado, em especial no nordeste de sua infância.

Já Karin Cagy dá vida, em suas obras figurativas, a personagens femininas maduras e irreverentes que superam estereótipos relacionados à idade e à feminilidade. A artista critica a dinâmica do etarismo ao instigar nosso olhar sobre o que entendemos pelo envelhecer feminino.



Karin Cagy

Foto: Divulgação

Por meio do uso de materiais diversos, Mirta traz representações que transitam entre paisagens e silhuetas humanas, em elaborações oníricas das questões que permeiam sua pesquisa em psicanálise e arte. A partir de interrogações pessoais e sociais, suas imagens evocam questões e mistérios da vida e da existência humana.

Paula Boechat se utiliza do abstrato a partir do gestual e dos fluxos de pinceladas densas, formando espécies de imagens performativas em telas de grandes for-



Mirta,
Migração
Foto: Divulgação

matos. A visceralidade em suas obras atuais rememoram sua passagem pela linguagem da performance no circuito carioca e internacional no início dos anos 2000.

PINCELADAS SOBRE CADA ARTISTA

Daniela Santa Cruz (1974)

Desenvolve seu trabalho no Rio de Janeiro. Sua formação artística é fortemente baseada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e nesse caminho foi formando seu olhar estudando o trabalho dos expressionistas abstratos do pós-guerra e acompanhando a produção de artistas brasileiros, em especial Luiz Aquila, Carlos Vergara e Tomie Ohtake.

<http://www.danielasantacruz.com.br/trabalhos>

“Somos mulheres, à primeira vista, com características bem parecidas. Contudo, um segundo olhar deixa clara a heterogeneidade das nossas vivências e nossa exposição reflete essas múltiplas mulheres”.

Karin Cagy (1972)

Artista visual e estilista, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Procedente de famílias de imigrantes fugidos da segunda guerra mundial, suas ancestrais eram mulheres fortes e determinantes. Seu trabalho revisita a insubmissão e a tradição latino-judaico-cristã, com humor permeando o urbano tão contemporâneo e ao

mesmo tempo ainda retrógrado. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ, estudou com Astréa El Jaick, Gianguido Bonfanti, Charles Watson, Luiz Ernesto e Bruno Miguel. A artista foi figura presente na cena *clubber* carioca dos anos 90, o que influenciou seus conceitos e opiniões por toda sua trajetória.

<https://www.instagram.com/karincagy/>

“Desde pequenas aprendemos a competir entre nós, mas com elas tenho vivido uma experiência muito generosa de troca e incentivo”.

Mirta (1952)

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou aquarela com Alberto Kaplan nos anos 90 e desenho e pintura no Parque Lage por oito anos. Atualmente faz curso prático de pintura com o Prof. Luís Ernesto, na mesma Escola. Participa de Seminários de Arte e Psicanálise há cinco anos. Teve trabalho projetado no QG Festival no Rio e Fortaleza, em 2020, durante a pandemia. Em 2021 apresentou seu percurso Psicanalista/artista e seus trabalhos no Seminário *“Invenções na Clínica e na Cultura contemporâneas-lições de Lacan”*, da Escola Brasileira de Psicanálise-Seção Rio. Em 2022 foi selecionada para a residência *Uberbau_house 2022*, São Paulo-SP.

www.mirtafernandes.com

“Um encontro feminino inesperado...novos laços e produções... uma aposta na vida”.

Paula Boechat (1976)

Vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Recife. Estudou desenho e pintura na Universidade da Califórnia, frequentou a Escola de Artes do Parque Lage e se formou em desenho industrial. Frequentou também a *l'École des Beaux Arts* em Paris onde morou por três anos. Em 2000, ganhou o “Prêmio Rio Jovem Artista” da RIOARTE. Na mesma época conheceu Gabriela Moraes, com quem formou a dupla *PaulaGabriela* que explorava a perda da identidade no mundo contemporâneo, suas conexões e desconexões, através de fotografias, performances e instalações. A dupla participou de mostras como a Bienal de Liverpool, MAM RJ e SP, Instituto Tomie Othake e CCBB RJ. Em 2004, Paula e Gabriela ganharam o prêmio do XI Salão da Bahia e em 2006 foram selecionadas pelo prêmio Marcantonio Vilaça.

https://www.instagram.com/paulaboechat_studio

“Para mim, o trabalho de arte só acontece na troca, é tão ou mais importante o processo do que a obra em si, a pintura é um enigma pois nunca sabemos o resultado final, é sempre difícil saber quando está pronta, isso cria uma certa angústia, e ter com quem trocar é muito enriquecedor”.

SOBRE A CURADORA

Luana Aguiar é artista, pesquisadora e curadora independente. É mestre e doutoranda em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Vi-



Paula Boechat

Foto: Divulgação

suais da Escola de Belas Artes da UFRJ, com pesquisa voltada à performance, ao sagrado e aos feminismos.

Entre 2016 e 2018 foi professora substituta do departamento de história e teoria da arte da mesma instituição. Foi também curadora do projeto *"Flexões Performativas: gênero, número e grau"*, no CCBB/SP (2018-2019) e co-curadora do projeto *"Arte como trabalho: estratégia de sobrevivência"* (2021 e 2022). Colabora como parecerista da revista *Arte&Ensaio*; participou de projetos da revista *Caju* e colabora como co-editora e designer da revista *Teteia.org*.

www.instagram.com/luaguiar.ar

SERVIÇO

Exposição “Quarteta”

Curadoria: Luana Aguiar

Abertura: 1º de dezembro, quinta-feira, das 16h às 22h

Visitação com horário marcado: de 2 de dezembro de 2022 a 5 de janeiro de 2023

Telefone para marcação: (21) 99175-0104

Horário: de segunda a sexta, das 12h às 18h

Encerramento com *finissage*: dia 5 de janeiro, às 18h

Local: Estúdio Ipê – Rua Raul Pitanga, 39, Itanhangá, RJ

LIANA NIGRI

“GESTOS DE CONTATO”

Em sua primeira individual na Anita Schwartz Galeria de Arte, a artista apresenta um conjunto de obras que orbitam em torno do gesto de modelar como ato escultórico, utilizando seu corpo e o de outras mulheres em contato direto com a matéria, muitas vezes orgânica – formas gerando formas. Estão reunidas, a partir do dia 7, esculturas, desenhos, vídeo e fotografia – inéditas e recentes da artista carioca

A produção dos trabalhos de Liana Nigri tem processos longos que envolvem ação corporal e diversas materialidades. O gesto que antecede a escultura, a ação que gera a forma, esses são os principais interesses da artista, que nomeia o processo de “*forma-ação*”.

Para além da categorização do que seja uma escultura, Liana Nigri usa seu corpo e o de outras mulheres para que em contato com outras matérias – pele, gesso, terra – criem outras formas. “*O fazer artístico acontece*



Liana Nigri, *Contornos nº 2* da série *Expansão de Contornos*, 2022
Foto: Divulgação

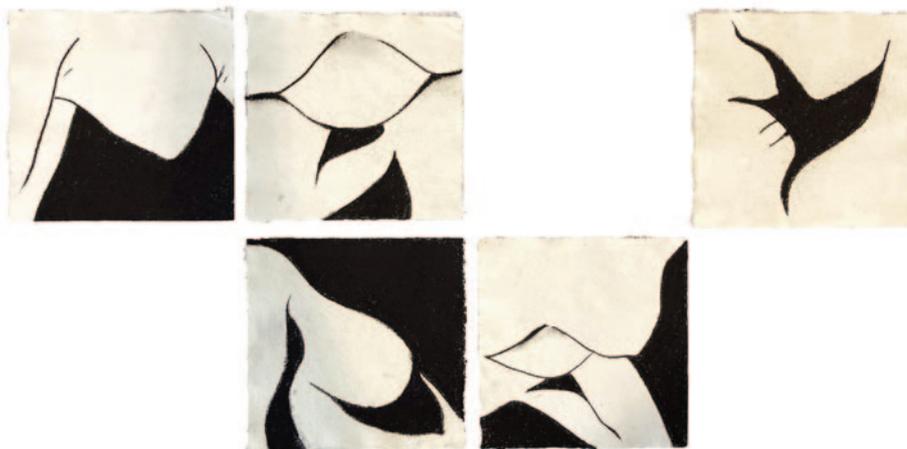
no encontro: corpo e matéria, num trabalho compartilhado. Minha arte se faz no gesto, na gestação de formas que nascem através do corpo”, diz.

Na série “*Expansão de Contornos*” (2022), composta por seis desenhos a carvão e cinco esculturas de porcelana – algumas dessas amalgamadas a outros monólitos feitos de granito –, a artista usou seu próprio corpo grávido para criar os trabalhos. As esculturas com volutas lembram conchas, e têm em algumas de suas faces

marcas do corpo. Algumas delas derivaram em outras esculturas, em um processo complexo que envolveu diversas etapas de molde, que antes de endurecer recebia a primeira forma já pronta em porcelana, criando assim marcas, “impressões”, na segunda escultura.

“Formas grávidas de outras formas, palavras da crítica Daniela Name sobre Celeida Tostes (1929-1995), vibram em mim. Forma e contraforma, o positivo e o negativo, o corpo e seu avesso”, comenta Liana Nigri. Outras artistas que provocam seu trabalho são Brígida Baltar (1959-2022) e Anna Maria Maiolino (1942). *“A trajetória e a produção artística dessas mulheres me afetam profundamente, e esses cruzamentos marcam diretamente o meu pensamento e a minha produção”.*

Nos desenhos a carvão da série *“Cheia”*, Liana Nigri fez autorretratos *“a partir de um olhar intimista, entendendo o corpo gestacional como uma nova paisagem a ser investigada”.* As formas abstratas provocam o olhar



Liana Nigri, *Cheia nº 1, nº 2, nº 3, nº 4, nº 5*, 2022
Foto: Divulgação

e levam a pessoa a se perguntar: *“que corpo é esse?”*

O AVESSO DO CORPO

Na série de esculturas *“Vazante”*, no lugar das formas curvas do corpo feminino, o espectador percebe ângulos pontiagudos, cortantes, capazes de penetrar. Liana Nigri usou o metal para reforçar essa contundência, a aparência pontiaguda. *“Navego pelos espaços negativos e oriento-me pela escuta de informações contidas no íntimo destes corpos, incluindo suas dobras”*, observa.



Liana Nigri, *8 Meses*
da série *Vazante*, 2022
Foto: Divulgação

Na escultura *“Bocas em Dobras”*, feita a partir da mistura de mármore e resina, com 77 x 26 x 15cm, Liana Nigri também explora o negativo de dobras do corpo.

SITE SPECIFIC NA AMAZÔNIA

Em 2018, Liana Nigri fez uma imersão na Amazônia, na Reserva Florestal Adolph Duke, onde criou um site specific. A artista aplicou gesso em contato com uma árvore, e se postou ali por um tempo, abraçada, *“provocando uma impressão em três dimen-*

sões". "Neste trabalho, crio contorções que transformam o corpo em matéria, indo ao limite da minha plasticidade. A intenção é me misturar, através da forma, à floresta, ser folha, ser galho, ser cipó", diz. O registro da ação estará na exposição.

As esculturas da série "Contato" são peças em mármore que captam a terra e a topografia da mão em contato com elementos da natureza. "Busco registrar o 'entre' dos encontros, quase nunca vistos". Elas ficarão em caixas pretas sobre uma base de carvão.

SÉRIE OVO-MUNDO

Na residência artística *Terra Una*, uma ecovila em Minas, a artista buscou espaços em que pudesse "entrar na terra", estar envolvida pela terra. Quando encontrou, colocou sobre seu ventre ovos de argila ocos, e ficou ali por um bom tempo, em posição fetal, com o corpo "chocando a forma". "A forma gerando forma. Não é uma performance, mas a ação de criar uma forma, compartilhada entre o corpo e a matéria", explica. Um vídeo de 2'10" será exibido na mostra.



Liana Nigri, *Gestos nº 5*
da série *Contato*, 2022
Foto: Divulgação



Liana Nigri, *Sem título* da série *Ovo-Mundo*, 2019

Foto: Divulgação

BIOFILME

Durante quatro anos, Liana Nigri fez pesquisas para obtenção de um material orgânico, um biofilme similar a um couro vegetal, composto pela colônia de bactérias que produz a kombucha. A própria artista preparava a fermentação, e descobriu neste material um suporte capaz de criar uma segunda pele apta a capturar marcas, texturas e formas a partir de seus moldes de corpos reais. Na exposição estará a obra *“Relicário”*, contendo um mamilo feito em biofilme.

SOBRE LIANA NIGRI

Liana Nigri é artista visual, nasceu em 1984, no Rio de

Janeiro, onde vive e trabalha. Sua pesquisa chama a atenção para a presença do corpo da mulher, uma observação íntima de marcas que evidenciam traços de tempo, experiências, contatos ou traumas, encontrando voz dentro do espaço vazio de dobras da pele.

SERVIÇO

Exposição *“Liana Nigri – Gestos de Contato”*

7 de dezembro de 2022 a 28 de janeiro de 2023

Anita Schwartz Galeria de Arte – Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2274-3873 e 2540-6446

Segunda a sexta, das 10h às 19h,

e aos sábados das 12h às 18h | Entrada gratuita

www.anitaschwartz.com.br



Judith Lauand, *Acervo 41, Mulher fumando (Abraço)*, 1969
Foto: Isabella Matheus

Masp apresenta
a maior exposição
dedicada
à produção
de Judith Lauand,
no ano
do centenário
da artista

Com 124 obras, mostra propõe uma revisão da trajetória de mais de sete décadas da primeira artista concreta do Brasil

Judith Lauand: Desvio Concreto, que ocupa o 1º andar do museu, permanecerá em cartaz até o dia 2 de abril de 2023. A exposição é a maior já dedicada à obra da artista concreta, que neste ano completou 100 anos de vida e mais de sete décadas de produção. Assinam a curadoria Adriano Pedrosa, diretor artístico da instituição, e Fernando Oliva, curador do MASP, com a assistência de Matheus de Andrade.

Judith Lauand (1922, Pontal, SP) graduou-se em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes de Araraquara, SP,

cidade que integrava importante polo econômico e cultural da época. O ambiente progressista da faculdade mostrou-se decisivo para o seu momento de abandono da figuração, em direção ao abstracionismo e à geometria, como revela este trecho extraído de um manuscrito de sua autoria:

“Pintei uma natureza-morta. Então eu me levantei e me distanciei da tela para ver o que havia feito. Vi um quadro abstrato. O prato eram vários círculos, a garrafa um retângulo, a mesa, triângulos e no fundo sinais

de objetos. Procurando depurar os traços, buscando só o essencial, realizei uma pintura abstrata com base em formas da natureza.”

Em 1952, Lauand mudou-se para a capital com a família. Em 1954, foi monitora na 2ª Bienal Internacional de São Paulo, momento em que entrou em contato com a obra de artistas como Alexandre Wollner (1928-2018) e Geraldo de Barros (1923-1998). No ano seguinte, recebeu um convite de Waldemar Cordeiro (1925-1973) para fazer parte do *Grupo Ruptura*, sendo a única mulher a participar ativamente desse movimento histórico que reuniu, de modo pioneiro, artistas interessados em desenvolver a arte concreta no Brasil. Lauand fez parte também da 1ª Exposição Nacional de

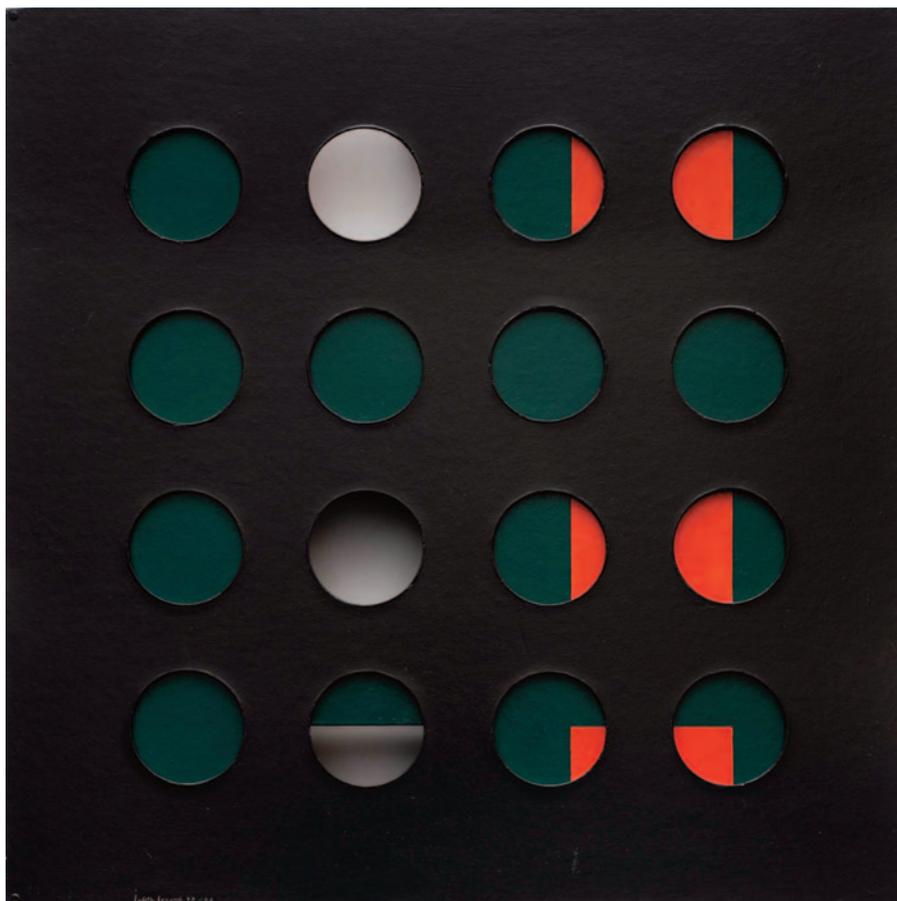
Arte Concreta, realizada primeiro no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1956, e depois no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1957.

“Tanto a narrativa da exposição quanto os ensaios de seu respectivo catálogo apontam para o fato de haver, desde cedo em seu percurso, uma propensão à geometria e ao abstracionismo”, analisa Fernando Oliva. “Mesmo em suas primeiras produções, nota-se que, apesar de figurativa, ela já fugia dos maneirismos acadêmicos mais tradicionais e das repetições estilísticas.”

Para além dos dogmas do concretismo em que havia se iniciado, a artista concebeu um dinamismo muito próprio, criando novas relações entre formas, linhas e

cores, transcendendo regras e convenções da época. *“Apesar do rigor formal que empregou em suas composições, o ritmo e o movimento nunca desapareceram de seus trabalhos, que contrapõem os elementos por meio de um equilíbrio dinâmico, gerando tensões e rupturas, outra marca de sua singularidade artística que é explorada por essa exposição”,* pontua Oliva.

A mostra *Judith Lauand: Desvio Concreto* pretende fomentar novas pesquisas e debates em torno do



Judith Lauand, *Acervo 29, Concreto 33*, 1956
Foto: Eduardo Ortega

seu trabalho, por meio de 124 obras e dezenas de documentos de seu arquivo pessoal, colocando em perspectiva a decisiva transição – um desvio –, operada por ela em meados dos anos 1950, do figurativismo para a geometria abstrata. Ganha destaque na exposição a obra *Acervo 29, Concreto 33* (1956), uma das mais emblemáticas em sua trajetória e que acaba de ser doada pela família da artista ao MASP, sendo a primeira de sua autoria a integrar a coleção da instituição.

No começo da década de 1960, a artista experimentou novas técnicas sobre o plano, que incluíam diálogos entre imagem e palavra, e mais tarde partiria para a materialidade de objetos sobre a superfície, a partir da aplicação de grampos, cliques, tachinhas e outros elementos industrializados e tecnológicos. Nas palavras de Lauand: *“Na arte concreta o espaço foi vivificado, tomou corpo e importância — as cores puras, a superfície bidimensional — o uso do revólver ao invés do pincel para obter uma pintura despersonalizada e parecida com aquela utilizada pela indústria, sem as marcas do pincel”*.

Entre a segunda metade dos anos 1960 até o início deste século, as produções de Lauand passaram por outros desvios, envolvendo o retorno à figuração e mais tarde novamente à abstração. *“Faltam, no entanto, estudos e exposições que possam se aprofundar sobre esses outros momentos de sua trajetória, articulando-os com os períodos mais conhecidos e celebrados, os anos 1950 e 1960. O que esperamos que aconteça a partir do impulso fornecido por esta exposição e catálogo”*, finaliza Oliva.

A exposição pretende ainda abordar novas perspectivas em sua obra, reforçando a presença de questões políticas como a repressão da ditadura militar no Brasil, a guerra do Vietnã e a condição da mulher na sociedade brasileira, quando a artista atravessa temas como violência, sexualidade, submissão e liberdade feminina.

SERVIÇO

Exposição *“Judith Lauand: Desvio Concreto”*

Até 2 de abril de 2023

MASP — Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP

1º andar – Tel.: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

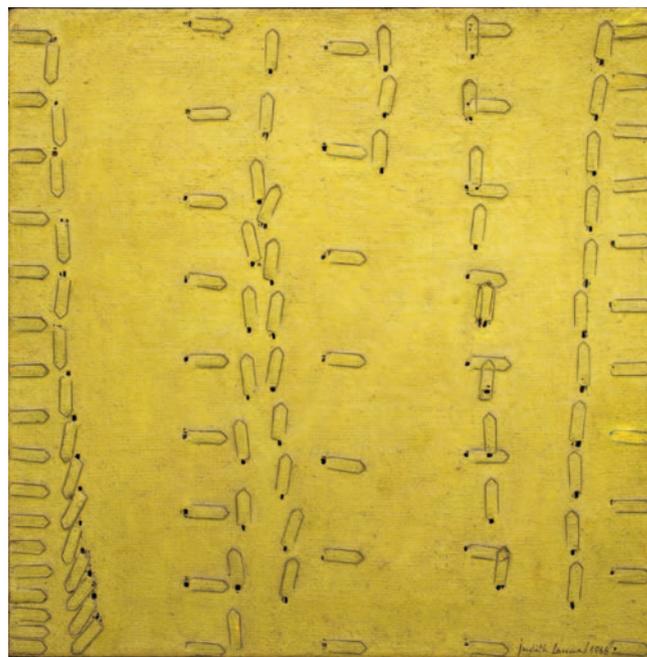
masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 50 (entrada); R\$ 25 (meia-entrada)

www.masp.org.br

Judith Lauand, *Acervo 19*, 1968

Foto: Sérgio Guerini



MADALENA SANTOS REINBOLT, pioneira de arte têxtil, tem primeira mostra individual

A exposição – no MASP – reúne 44 pinturas e tapeçarias da artista baiana autodidata. Fica em cartaz até 26 de fevereiro de 2023



Madalena Santos Reinbolt, *Sem título*, 1969-1977

Foto: Daniel Cabrel



Madalena Santos Reinbolt, *Árvore do Pai Bié*, 1974

Foto: Antônio Caetano

A mostra monográfica *Madalena Santos Reinbolt: uma cabeça cheia de planetas*, tem curadoria de Amanda Carneiro e André Mesquita, ambos curadores do MASP, e ocupa o 1º subsolo da instituição. Reúne 44 trabalhos, entre pinturas e tapeçarias – realizadas entre as décadas de 1950 e 70 – que expressam a subjetividade imaginada da artista baiana através de um vasto mundo de personagens, paisagens e situações do cotidiano.

Organizada de maneira não cronológica e sem distinções entre as pinturas e os “quadros de lãs”, mas pensada a partir dos temas evocados pela obra de Santos Reinbolt, a exposição pretende reverberar e ampliar o debate em torno de sua história e contribuição para a história da arte brasileira. A mostra é a primeira dedicada à artista autodidata.

Madalena Santos Reinbolt (Vitória da Conquista, BA, 1919 – Rio de Janeiro, RJ, 1977) cresceu com a família em uma pequena fazenda, onde ainda na infância teve seus primeiros contatos com o bordado, a tecelagem, a cerâmica e a pintura. No início da vida adulta, Santos Reinbolt saiu de Vitória da Conquista para trabalhar em Salvador, depois em São Paulo e no Rio de Janeiro, até chegar, em 1949, a Petrópolis, onde trabalhou na fazenda Samambaia, residência da arquiteta Lota Macedo Soares (1910-1967) e de sua companheira, a escritora estadunidense Elizabeth Bishop (1911-1979).

Embora conectada desde muito cedo ao exercício criativo, foi somente nos anos 1950 que a artista passou a se dedicar à produção de pinturas, traçando figuras sin-

téticas com pinceladas expressivas e utilizando suportes frágeis, como papel ou palha, indicando a importância da materialidade em sua produção. Aos poucos, as produções de Madalena Santos Reinbolt chamaram a atenção de Lota Macedo e Elizabeth Bishop, que demonstraram interesse em vender as suas obras.

Mais tarde, no final da década de 1960, Santos Reinbolt inicia a produção de seus singulares e pioneiros “quadros de lã”, realizados com 154 agulhas, em diversas cores, como uma paleta, que a artista usa à maneira de pinceladas sobre a estopa ou a talagarça. *“A agulha torna-se dessa forma um prolongamento da mão, como o pincel na pintura. É assim que Santos Reinbolt obtém a movimentada superfície de suas tapeçarias, dinâmicas, volumétricas e altamente cromáticas”*, descreve Amanda Carneiro.



“Em ambas as técnicas há em comum a expressão de cenas amplas, criadas em grandes massas, com motivos esquemáticos e de onde pouco a pouco conformam-se os limites que ensejam as personagens, a fauna e a flora, as cidades, os parques, as igrejas e as lagoas – ambientes de sociabilidade que integram humanidade e natureza, de onde surgem seus enredos em narrativas reimaginadas”, explica a curadora. *“Seus quadros sugerem um movimento que ultrapassa os elementos que os constituem individualmente, como se, em con-*

Madalena Santos Reinbolt, *Sem título*, 1950-1960

Foto: Eduardo Ortega

junto, fossem animados, vibrando em lampejos a invenção de uma memória que opera a construção do fio de sua vida”, finaliza.

Pouco reconhecida em vida, ainda hoje há um grande silêncio dos museus e espaços de arte em relação ao pioneirismo de sua produção, algo que a mostra no MASP espera diminuir.

Reinbolt não obteve autonomia financeira e tampouco reconhecimento do sistema artístico para viver somente de sua produção criativa. *“A artista produziu de forma solitária, em uma situação de intimidade e de evidente separação de classe das divisões de trabalho e do racismo estrutural, tão enraizados nas relações sociais no Brasil e que ainda impactam profundamente a posição da mulher negra na sociedade”,* pontua André Mesquita.

Em muitos lugares ao redor do globo, a costura e o bordado têm sido codificados como atividades femininas, sendo associados majoritariamente ao trabalho das mulheres. Assim, é importante situar as contribuições de Santos Reinbolt dentro do campo artístico dedicado ao trabalho com têxteis. Do fim dos anos 1960 até hoje, muitas artistas que se autointitulam feministas e *queer* vêm resgatando o fazer têxtil de sua condição marginalizada como decoração menor – movimento este que começou no exato momento em que a própria Santos Reinbolt se voltou para o bordado.

O têxtil no século 20 foi mobilizado como forma de testemunho político e como um meio de retratar, em particular, circunstâncias de traumas coletivos, como

guerras, migração forçada e desapropriação de terras. Exemplos do bordado como forma relativamente barata e acessível de testemunho feminino proliferam em uma gama de culturas não só porque seus materiais são oportunos, mas por causa de suas qualidades táteis e de sua capacidade para contar as histórias das mulheres. O bordado, portanto, funciona como um arquivo corpóreo e alternativo daqueles que estão “por baixo” para contestar narrativas oficiais e dominantes.

O título da exposição – *Uma cabeça cheia de planetas* – se deve a uma declaração da artista, das poucas que concedeu publicamente, quando foi questionada pela curadora e crítica de arte Lélia Coelho Frota acerca da razão de suas escolhas de temas e elementos contidos na obra *Árvore do Pai Bié* (1974): *“Era todos os bichos viajando tudo com fome pelo uma ilha, e já estavam com muita fome. Era muita seca, e tava lá os pé de fruta madura. Eles não sabia se comia ou não, mas o macaco sabia que comia. O macaco avançou na fruta e tiraram e comeram todas penca madura e virou pros outros bichos, que era bobo, e falou: bicharada, as frutas vocês podem comer, não mata ninguém, chama árvore do pai bié. Essas são histórias do meu miolo, sabe, eu tenho a cabeça cheia de planetas”.*

SOBRE MADALENA SANTOS REINBOLT

Madalena Santos Reinbolt nasceu em 1919 em Vitória da Conquista, Bahia, e faleceu em 1977 em Petrópolis, Rio de Janeiro. O livro *Mitopoética de 9 artistas brasileiros* (1975), de Lélia Coelho Frota, foi a primeira apresentação pública de seu trabalho. Em 1978, Frota foi assessora artística do pavilhão brasileiro da 38ª Bienal

de Veneza e lá expôs as obras da artista *Lagoa de março* (1974), *Árvore do Pai Bié* (1974) e *Tantisaluti! Ha de-ttol' uccelloneroall'uccellobianco (Muitos cumprimentos! Disse o pássaro preto para o pássaro branco)* (1975).

Nos anos 1990, Santos Reinbolt foi incluída na coletiva *A mata* (1991), no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e nos anos 2000 quatro de suas obras, todas *Sem título* (década de 1970), passaram a integrar o acervo do Museu Afro Brasil, vindas da coleção de seu diretor Emanuel Araújo, e foram expostas em *Viva cultura viva do povo brasileiro* (2006-07); *A arte do povo brasileiro: quatro olhares; Uma homenagem* (2010); e *Evocações* (2016), além de serem exibidas no hall de entrada do museu e na exposição de longa duração *A mão afro-brasileira*. Apenas recentemente sua obra tem sido apresentada com regularidade, em exposições como *A mão do povo brasileiro: 1969-2016* (2016), no MASP; *Mulheres na arte popular* (2020), na Galeria Estação; *Novas aquisições* (2021), também no MASP; *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros* (2021), no Instituto Moreira Salles Paulista; *Terra e temperatura* (2021), na Almeida & Dale; e *Um Rio é uma serpente* (2021), na Frestas — Trienal de Arte, Sesc Sorocaba.

SERVIÇO

Exposição “*Madalena Santos Reinbolt: Uma Cabeça Cheia de Planetas*”

Até 2 de fevereiro de 2023

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP – 1º subsolo (galeria)

Tel.: (11) 3149-5959

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos

Ingressos: R\$ 50 (entrada); R\$ 25 (meia-entrada)

www.masp.org.br



Madalena Santos Reinbolt

Foto: Domínio público

“TRAMA/OBJETO PINTURA/XICO CHAVES”

Obras inéditas do artista compõem a mostra do Paço Imperial, RJ, até 12 de fevereiro de 2023

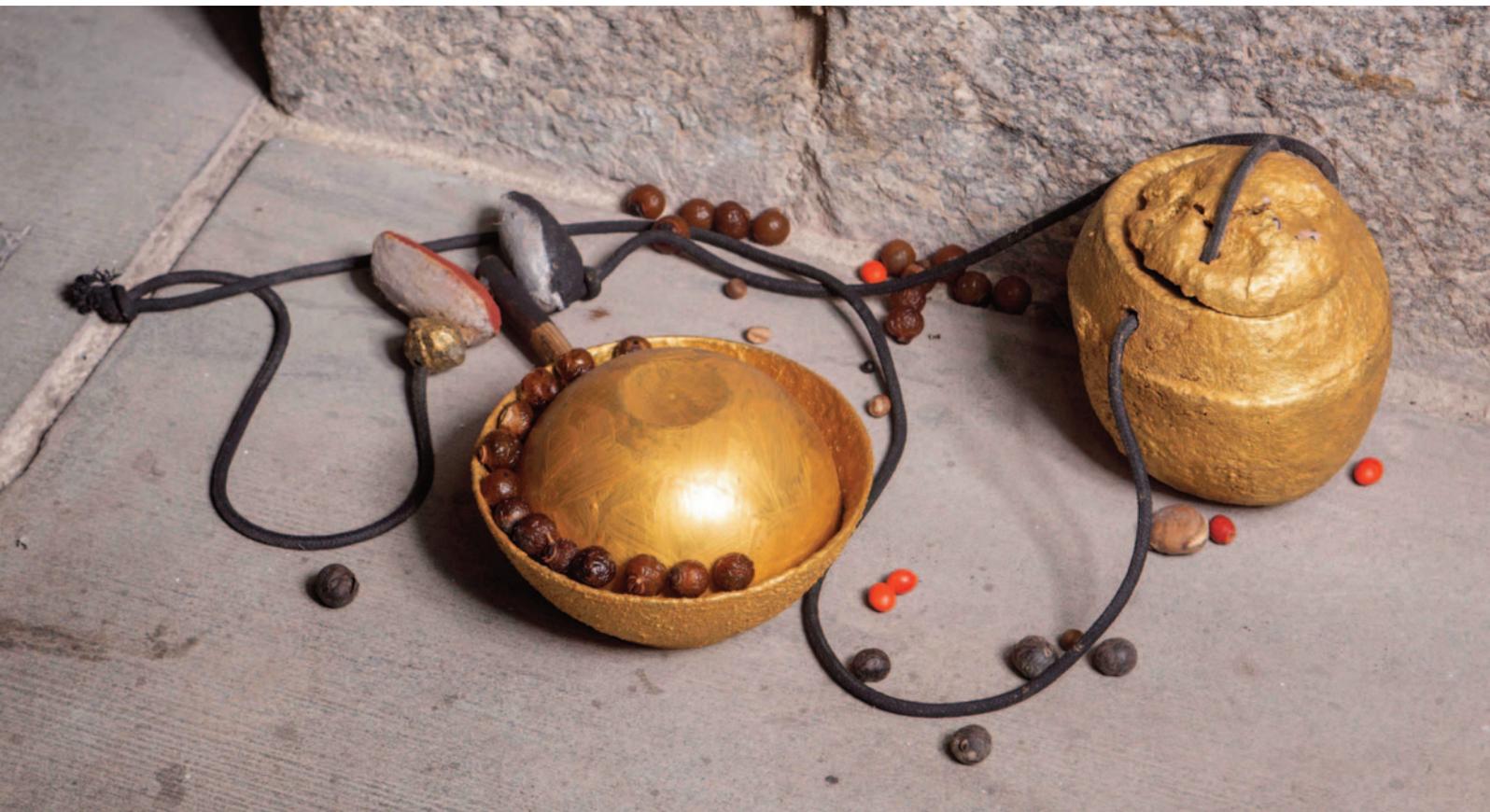


Foto: Andrea Marques

O multiartista, que desde os anos 1970 transita nas artes visuais, música e publicações, mostra obras inéditas produzidas ao longo de sua trajetória, a partir de sua série de trabalhos “Índios Extintos”, de 1989, em alusão a povos e aldeias dizimadas e desaparecidas em nosso processo de colonização. A exposição ocupa o Terreirinho do Paço, no térreo. A curadoria é de Ricardo Ventura e do artista, e o texto crítico é de Alberto Saraiva

As obras de “Trama/objeto pintura” abrangem pinturas com pigmentos minerais sobre papéis artesanais e industriais, objetos em madeira, objetos-pinturas em vários materiais. Para o artista, esses trabalhos procuram “relacionar a sobrevivência humana à natureza, à generosidade e diversidade de suas frutas, seres, etnias, animais, árvores, águas, geografias, nomes indígenas, lugares míticos e originais, seres imateriais e mágicos,

idiomas, pinturas corporais, expressões imaginárias faciais, fisionomias reais e simbólicas, naturezas mortas e vivas, trançados, abstrações geométricas, abstrações informais e expressões figurativas – quatiara, abará-quassu jepê, kuarup, ybiará, abá-aguassay angëera apyreima, o, ojoyrunamo, nimbo mopoquytã, endyaba, ybyará, yby-yby emytima, ataúba, pyíi-pytuúra, aranairin... cabeças juntas, frutas, tramas, almas infini-

Foto: Andrea Marques



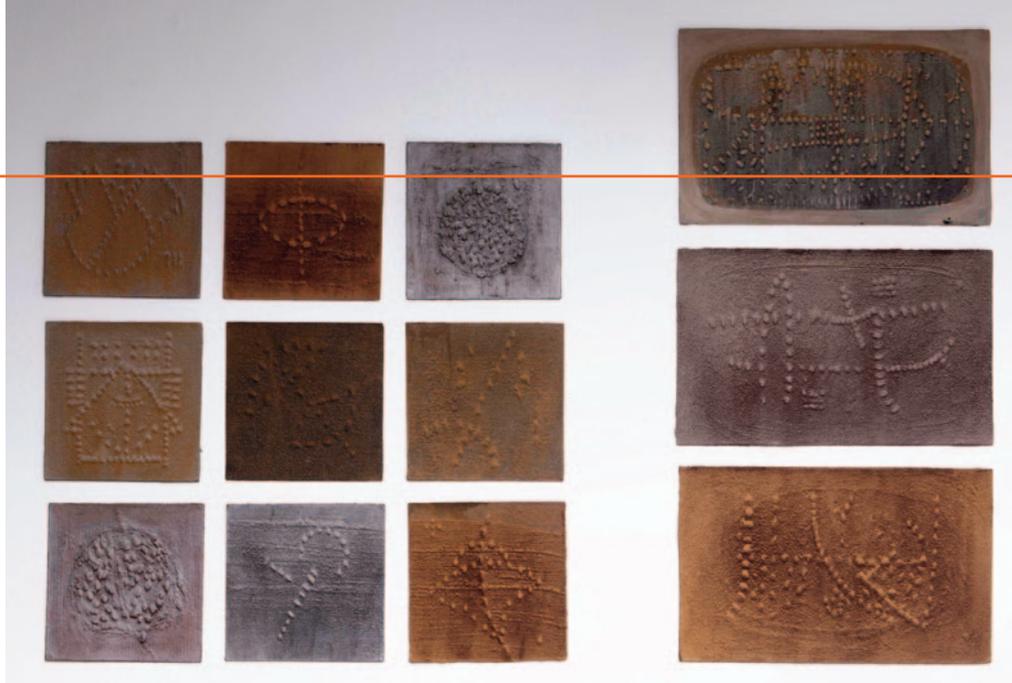


Foto:
Andrea Marques

tas, pendurar, nós, jardim suspenso, madeira, flecha, pedra, vento, ferro, fogo, tempo...”.

Em todos esses objetos, pinturas e tramas espaciais predomina a utilização de pigmentos em óxidos de ferro, cobre, grafite, fibras vegetais, pedras brutas de várias regiões do país, cordões de algodão e sisal, sementes, minérios e minerais que produzem luminosidade, texturas, refração, difração e reflexão de luz, resultando em leituras surpreendentes na coloração e sua materialidade e aplicação.

A exposição faz uma síntese de séries intercalares de obras nunca mostradas, como pequenas coleções de grupos variados de linguagens concebidas e concluídas em diferentes momentos de pinturas anteriores e simultâneas já expostas.

Alberto Saraiva em seu texto crítico escreve que *“Xico cria uma mitologia pessoal baseada na sua imersão nas culturas indígenas junto a pajés, caciques e indigenistas conhecidos seus, como o Cacique Raoni, Nunes Pereira*

e Darcy Ribeiro, Sapaim Kamayurá, Hermenegildo, Rafael Bastos dentre outros. Ele vem do sertão de Minas, onde descobriu com sua mãe Stella e sua avó Maria Augusta (descendentes de Kaiapós e italianos) a matéria dos minérios, o que provocou em sua vida uma impressão cujo corpo é o corpo da terra, do planeta. Seu pai fora trabalhar no Amazonas, de onde enviava objetos indígenas para a família, como arco e flecha, cocares e cerâmicas. Isso foi o suficiente para que Xico, ainda criança, ficasse imbuído de uma visão de mundo formada integralmente por culturas indígenas que ele absorve do lugar ‘mágico’ aonde seu pai habitava naquele momento: para o menino, um plano mitológico no qual via os indígenas como seus irmãos e mais tarde como sua herança identitária”.

As obras já mostradas anteriormente – sobre telas, papéis, pet, acetatos, instalações, intervenções, performances, cimento, poliuretano e poliestireno expandidos, objetos e suportes diversos além de outras proposições materiais e imateriais –, em exposições individuais e coletivas, ao longo desta tra-

vessia desde os anos 1970 formam a base referencial para esta mostra.

“Trama/objeto pintura/Xico Chaves” é ainda uma das possíveis abordagens poéticas do processo criativo e livre-associativo do artista em sua extensa trajetória múltipla e diversificada, onde o tempo se expande entre o espaço da simultaneidade e da atemporalidade. Onde o que é contemporâneo é mesmo agora, atemporal, memória e impermanência.

“Trama/objeto pintura/Xico Chaves” é uma exposição em processo com uma estrutura básica fixa e outra em movimento, com obras e montagem em transição e substituições ao longo do período expositivo. Durante o período da exposição, Xico Chaves irá fazer diálogos, microperformances e intervenções com convidados e o público.

SOBRE XICO CHAVES

Xico Chaves nasceu em Tiros, Minas, e vive no Rio de Janeiro. Formado em Artes e Ciência da Comunicação pela Universidade de Brasília e Centro Universitário de Brasília, com Notório Saber em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (UnB), é artista visual, poeta e mediador cultural, radicado no Rio de Janeiro.

Desenvolve seu trabalho pictórico através de séries temáticas e conceituais. A partir de diversas expedições ao Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais e outras regiões do Brasil, toda a pintura do artista, desde as mais antigas, como as da série *“Luzz”* (1970), às mais recentes, como as da série *“Tramas XL”* (2018), é pro-

duzida com minerais, pigmentos naturais e resina acrílica, sendo esta a principal referência do artista no campo das artes visuais contemporâneas. A criação de objetos poéticos e espaciais está presente desde o início de sua pesquisa, desta forma, são intercalados entre as diversas séries pictóricas. Sua temática compreende três grandes eixos: vida, arte e política.

O interesse pela experimentação permanente de linguagens e meios técnicos para expressão artística tornou Xico Chaves reconhecido internacionalmente como artista múltiplo, possuindo em sua trajetória além de pinturas e objetos, performances, poemas-processo, vídeos-arte, fotografias e registros nos campos da poesia, música popular e experimental.

SERVIÇO

Exposição *“Trama/objeto pintura/Xico Chaves”*

Até 12 de fevereiro de 2023

Paço Imperial
Praça XV de Novembro,
48, Centro,
Rio de Janeiro / RJ
Entrada gratuita
Terça a sábado
e feriados,
das 12h às 17h
(21) 2215-2093

Email:

ccpi@iphan.gov.br

<https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-cultural-paco-imperial>

Foto: Andrea Marques

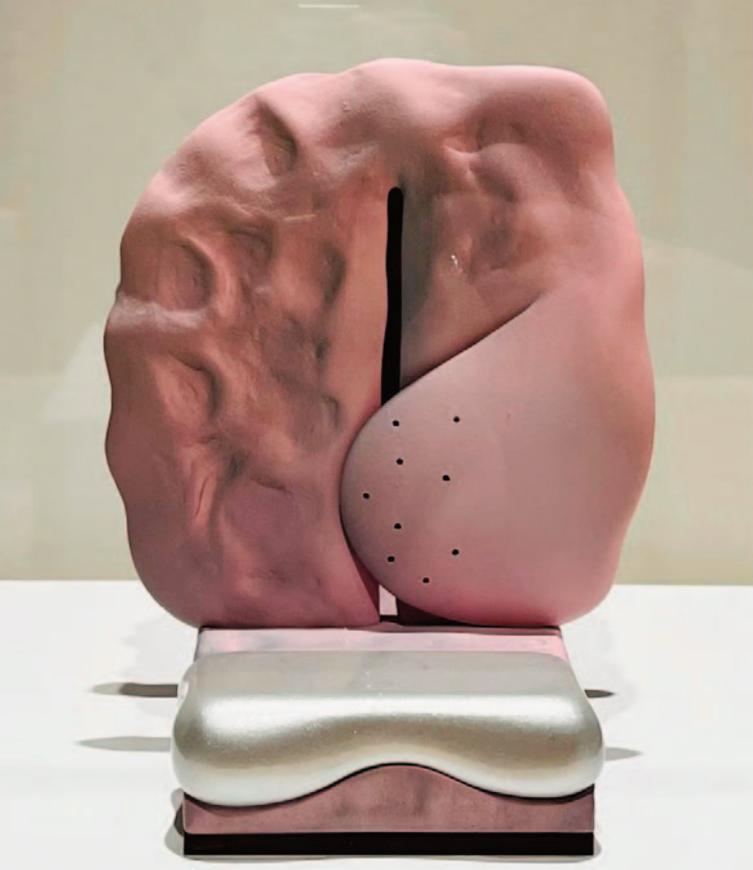




A POTÊNCIA
DO BARRO
“Strange Clay:
Ceramics in
Contemporary
Art”
na Hayward
Gallery,
Londres

Maria Hermínia Donato

Grayson Perry
Foto: Maria Hermínia Donato



Ron Nagle

Foto: Maria Herminia Donato

Barro é um material do qual tenho grande afeição e familiaridade. Nos anos 80 me formei em *Studio Ceramics* pela *Harrow School of Art*, hoje Universidade de Westminster.

Material tátil e plástico que o ser humano vem moldando por mais de 12 mil anos, tem um papel fundamental nas histórias sobre o mito da origem humana e na primeira escrita cuneiforme. Como é de fácil acesso, usamos para criar tudo, ou quase tudo: tijolos, azulejos, canecas, xícaras, pratos, tigelas, ferramentas, ornamentos, a lista é imensa. Basta olhar ao seu redor!

Talvez pela sua ordinariedade não tenha sido considerado um material nobre das artes mas, no momento, a cerâmica esta aparecendo culturalmente e o artesanato, o “feito a mão” emergindo na nossa vida digital.

Ao ganhar o famoso *Turner Prize* em 2003, o artista Grayson Perry ajudou a enobrecer o material e alertar a arte contemporânea para o seu potencial.

Numa tarde chuvosa fui com duas amigas, uma artista e a outra curadora, ver *Strange Clay*, exposição na Hayward Gallery, Londres, que reúne o trabalho de 23 artistas internacionais como Betty Woodman, Ken Price, Ron Nagle, Edmund de Waal, Grayson Perry e Magdalene Odundo que transitam pela arte contemporânea.

Alguns artistas tiveram uma formação formal de cerâmica e outros, sem esse vínculo, se libertam das tradições relativas ao material e do contexto de artesanato e design. Eu fui na busca de novos jovens artistas que estão reestabelecendo o uso da argila no mundo da arte.

A exposição examina a plasticidade e as possibilidades da cerâmica com estranhas obras abstratas, excêntricas instalações em grande escala, ou preciosidades como as obras de Ron Nagle.

Ao entrar na exposição me deparo com um número de formas cilíndricas gigantescas – Jonathan Baldock, *Facecrime*, instalação com vários totens explorando mito e folclore.

As colunas são adornadas com têxtil, vidro, cestas, emojis e protuberâncias que saem dos cilindros em forma de bocas, orelhas, mãos (moldadas em barro do



Jonathan Baldock

Foto: Maria Herminia Donato

corpo do artista). Antigas ruínas emanando sons e gemidos produzem uma estranheza com humor.

Baldock explora as limitações e ambiguidade da comunicação das emoções humanas e explica: *“Eu queria que as obras comunicassem as coisas que muitas vezes achamos difíceis nos dias atuais – nossos sentimentos”*.

Na mesma sala está a obra de Betty Woodman, *House of the South*, com seus fragmentos coloridos sugerindo urna grega, vaso de flores, pátio de terracota e pedestais – mistura escultura, pintura e arquitetura. Grandes composições abstratas são formadas usando

o espaço negativo da parede. Aqui, o olho do espectador preenche as lacunas entre as partes curvas e coloridas de cerâmica para um mural. Existe um triângulo formado entre o espaço representado (fascínio da artista por *trompe l’oeil*), o espaço real (*site specific*) e o espectador envolvido numa ilusão espacial lúdica.

A instalação *Regular/Fragile* de Liu Jianhua também utiliza paredes e chão como suporte para expor objetos domésticos familiares feitos em porcelana. Quase 1000 objetos – celulares, sapatos, pratos, bolsas, ursinho de pelúcia, bolsa de água quente, martelo, revólver... – fazem referência à experiência humana e tragédia.

Liu Jianhua

Foto: Mark Blower, Courtesy the Hayward Gallery





Betty Woodman
Foto: Mark Blower,
Courtesy the
Hayward Gallery

Liu Jianhua propõe uma reflexão sobre os desastres que vemos nos noticiários onde os objetos são vistos espalhados, desordenadamente. A porcelana é usada por sua fragilidade refletindo a vulnerabilidade e o valor da vida. Os objetos caem como se desabassem com uma chuva torrencial, mas tudo fica camuflado pelo consumismo com a presença dos objetos.

My place is the Placeless é uma instalação do artista Shahpour Pouyan, criada a partir do resultado do teste do seu DNA. Ele descobre que sua ancestralidade vai do Irã a 33 outros países. Pouyan, explora sua identidade étnica através de uma pesquisa sobre a arquitetura desses países.

Usando argila como material de construção ele cria modelos reais de palácios, cúpulas, minaretes, edifícios. O resultado é uma variedade de edifícios e estruturas de telhados que representam sua herança, em

uma mustura de cores e formas. Monumentos à religião, ciência e cultura desses países.

Far from here, de Klara Kristalova, revela 18 figuras que surgem entre musgos, rochas, arbustos, uma verdadeira floresta de vegetações secas. Criaturas estranhas e híbridas, parte gente, parte bicho, planta ou inseto, protagonistas de um conto de fadas sinistro. A inspiração vem dos jardins do seu estúdio na Suécia e de histórias de mitos tradicionais.

Há um senso de humanidade e vulnerabilidade nas figuras de Klara. Medo, tristeza, amor, culpa são algumas das emoções refletidas na instalação. Klara Kristalova em 2011 fez uma exposição com Tiago Carneiro da Cunha no Museu de Arte Moderna de São Francisco, Califórnia.

Imagine encontrar uma lula gigante com tinta e tudo no chão de uma galeria! A escultura evoca admiração



por meio do encontro inesperado com uma enorme criatura marinha. A lula gigante (*Architeuthis*), que pode crescer até 14 metros de comprimento, é obra do artista David Zink Yi que apresenta seu imenso animal como uma criatura morta no chão da galeria; sua superfície marmorizada como um requintado trabalho de esmaltação.



Takuro Kuwata faz referência ao ritual da cerimônia do chá japonesa e o vira de ponta cabeça. As obras são ousadas e podem chegar a dois metros de altura. Suas cores sólidas e esmaltes metálicos refletem algo artificial, surreal. Pequenas pedras são incorporadas na argila para entrar em erupção durante a queima e perfurar a superfície, criando formas orgânicas únicas.



A mais popular instalação da mostra é *Till Death Do Us Part*, de Lindsey Mendick, criada especialmente para a exposição. Trata-se de uma casa com hall, sala de estar e jantar, cozinha e banheiro. Ao entrar, o espectador se impressiona porque tudo é feito de cerâmica! O trabalho é, sem dúvida, o mais instagramável da exposição.

De cima para baixo: Shahpour Pouyan; Klara Kristalova; David Zink Yi
Fotos: Mark Blower, Courtesy the Hayward Gallery



Takuro Kuwata
Foto: Mark Blower,
Courtesy the
Hayward Gallery

Como o diabo está nos detalhes, os cômodos viram um pesadelo doméstico, repleto de forças invisíveis. Lesmas, baratas, ratos, mariposas, coisas com tentáculos se apoderam dos objetos, superfícies numa guerra de vermes.

A casa mostra o microcosmo e dramas das relações humanas. Uma instalação tragicômica com humor e ironia.

Obras de arte requerem tempo para descomprimir preconceitos estéticos e as tradições formais do material.

SERVIÇO

Strange Clay: Ceramics in Contemporary Art

Até 8 de janeiro de 2023

Hayward Gallery, Londres



Lindsey Mendick



Fotos: Mark Blower, Courtesy the Hayward Gallery



Frames do documentário *Manguezal – Maretório Feito de Nós* André Mardock / Marahu Filmes

“MANGUEZAL: MARETÓRIO FEITO DE NÓS”

Documentário desvenda o cotidiano dos manguezais da Amazônia

Com lançamento previsto para dia 9 no Liceu da Música de Bragança (PA), o filme apresenta, em 40 minutos, a história do Projeto Mangues da Amazônia e seus resultados, com o viés humano, científico e cultural das interações em campo, envolvendo moradores, pescadores, pesquisadores, professores, lideranças locais, voluntários e outros personagens



Frame do documentário *Manguezal – Maretório Feito de Nós*

De que forma tradições culturais, práticas produtivas e condições sociais influenciam a conservação e o uso sustentável dos mangues amazônicos? Como essas populações se mobilizam para oportunidades no convívio com a natureza? A imersão no universo das comunidades extrativistas que obtêm o sustento na pesca, captura de caranguejo-uçá e retirada de madeira marca o documentário *“Manguezal: Maretório Feito de Nós”*, em fase final de produção pela Marahu Filmes, de Belém.

São paisagens únicas, vozes locais, histórias de vida e contribuições da ciência que ilustram a busca por

transformações socioambientais no coração da maior faixa desse ecossistema no planeta, na zona costeira do Pará. Com direção e roteiro de Felipe Cortez, o filme mergulha na experiência do Projeto *Mangues da Amazônia*, voltado a ações ambientais e socioeducativas junto a comunidades de reservas extrativistas e entorno, nos municípios paraenses de Bragança, Augusto Correa e Tracuateua.

Realizada pelo Instituto Peabiru e Associação Sarambuí, com patrocínio da Petrobras, a iniciativa reúne múltiplas atividades que interagem com a realidade e os de-

safios dessas áreas, com produção de conhecimento e impactos positivos ao longo de dois anos, registrados em cores, formas e falas pelo documentário.

“A principal mensagem é a valorização e o reconhecimento do manguezal pela riqueza de conhecimento e recursos naturais e culturais”, afirma Felipe Cortez. Segundo o documentarista e jornalista, para além da beleza estética desse ecossistema, o diferencial está em mostrar o cotidiano da vida e a relação entre os personagens que fizeram o projeto acontecer, com os desafios e os legados não só ambientais, mas também sociais e culturais.

Do cultivo de mudas e restauração de áreas degradadas de manguezais às pesquisas para subsidiar regras de manejo do caranguejo-uçá, as atividades abrangeram mobilização para limpeza das praias e rodas de conversa sobre temas de importância local, como a questão de gênero e a garantia de direitos.

Entre as frentes de trabalho do projeto *Mangues da Amazônia* documentadas pelo filme, estão pesquisas que servem de base à exploração do potencial dessas áreas no mercado climático, devido à alta capacidade de estocar carbono, com renda para as comunidades.



Frame do documentário *Manguezal – Mareatório Feito de Nós*



Frame do documentário *Manguezal – Maretório Feito de Nós*

As ações tiveram apoio do Laboratório de Ecologia de Manguezal (LAMA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), e beneficiam direta e indiretamente cerca de seis mil pessoas na região – entre as quais, comunidades tradicionais guardiãs desse ecossistema, conservado como meio de subsistência e práticas culturais.

Como destaque, foram desenvolvidas ações educativas junto a crianças e jovens de diferentes faixas etárias – iniciativa de sensibilização visando o uso sustentável da natureza, com personagens de papel protagonista no documentário.

Nas filmagens, realizadas em setembro e outubro, a equipe conviveu com a dura realidade da captura de caranguejos, como os ataques das mutucas – vorazes insetos repelidos pelos coletores com a fumaça de ci-

garros ou, em alguns casos, até com óleo combustível espalhado no corpo. *“Todo esse esforço precisa valorizado por quem consome caranguejo nas cidades”,* defende o documentarista.

A dificuldade de logística em áreas inóspitas, comum no cotidiano dos caranguejeiros, também marcou o trabalho das equipes de biólogos e outros pesquisadores do Mangues da Amazônia. Segundo Cortez, *“se fazer projetos na Amazônia é difícil, filmar é mais complexo ainda e exigiu criar estratégias de deslocamento por esses espaços, com lama na cintura, de forma a chegar com a câmera nos lugares mais adequados, no momento certo”*.

A narrativa do documentário contribui para dar visibilidade a essas áreas, destacando o ativo dos saberes lo-

cais, para além do valor biológico e econômico dos recursos naturais. O trabalho fortaleceu o conceito de “maretório”, palavra que o documentário carrega no nome em alusão aos territórios influenciados pela maré nas zonas costeiras. “São espaços de luta por direitos e identidade muito forte”, observa Cortez.

PROJETO MANGUES DA AMAZÔNIA



O *Mangues da Amazônia* é um projeto socioambiental com foco na recuperação e conservação de manguezais em Reservas Extrativistas Marinhas do estado do Pará. É realizado pelo Instituto Peabiru e pela Associação Sarambuí, em parceria com o Laboratório de Ecologia de Manguezal (LAMA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), e conta com patrocínio da Petrobras. Com início em 2021 e duração de dois anos, o projeto atua na recuperação de espécies-chave dos manguezais através da elaboração de estratégias de manejo da madeira e do caranguejo-uçá com a participação das comunidades.

ASSOCIAÇÃO SARAMBUÍ

A Associação Sarambuí é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) com sede em Bragança – Pará, constituída em 2015, cuja missão é promover a geração de conhecimento de maneira participativa, em prol da conservação e sustentabilidade dos recursos estuarino-



costeiros. As ações são direcionadas ao ecossistema manguezal, ao longo da costa amazônica brasileira, em particular no litoral do Estado do Pará. É uma das organizações realizadoras do projeto *Mangues da Amazônia*.

INSTITUTO PEABIRU



O Instituto Peabiru é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) brasileira, fundada em 1998, que tem por

missão facilitar processos de fortalecimento da organização social e da valorização da sociobiodiversidade. Com sede em Belém, atua nacionalmente, especialmente no bioma Amazônia, com ênfase no Marajó, Nordeste Paraense e na Região Metropolitana de Belém (PA). É uma das organizações realizadoras do projeto *Mangues da Amazônia*.

Ficha Técnica

Filme: Manguezal: Maretório Feito de Nós | 40 min

Produção Executiva: Fernando Segtowitz & Thiago Pelaes

Direção: Felipe Cortez

Montagem/Finalização: Leandro Tocantins

Direção de Fotografia: André Mardock

Som Direto / Drone: Paulo Castro

Coordenação de Produção: Tayana Amaral

Produção de Base: Renato Lima



Anna Bella Geiger, *Burocracia – O mundo*, 2019

Foto: Fabio Souza

RENTTARTT, PRIMEIRA PLATAFORMA BRASILEIRA DE LOCAÇÃO DE OBRAS DE ARTE

O colecionador Fabio Szwarcwald (ex-diretor no MAM Rio e da EAV Parque Lage) e sua mulher, Tatiana Zukerman, acabam de fundar a *Renttartt*, primeira plataforma brasileira de locação de obras de arte. A ideia surgiu da convivência diária dela com a coleção de mais de 300 obras do marido (iniciada há cerca de 20 anos), que fica abrigada na galeria Z42, no Cosme Velho, onde Tatiana mantém seu ateliê particular.

Ela conta que, sempre que passava pela reserva técnica, lamentava que as obras estivessem fora de circulação: "*Arte é energia. Entre outros aspectos, os trabalhos exploram as cores, que têm vibração e afetam o espectador. A dimensão simbólica de uma obra comunica muito, desperta o inconsciente, educa o olhar. É importante que os trabalhos circulem e que mais pessoas tenham acesso a essa coleção tão diversa*".

Entre as obras disponíveis para locação, há trabalhos de artistas consagrados como Anna Bella Geiger, Carla Chaim, Carlos Vergara, Denilson Baniwa, Jose Bechara, Luiz Zerbini, Marcos Chaves, Maxwell Alexandre e Vicente de Mello.

"Costumo visitar pessoalmente o espaço (residencial ou comercial) que vai receber as peças da coleção. Tanto para sugerir trabalhos, como para pensar na montagem e composição da parede, considerando a relação plástica entre as obras", comenta Tatiana. "O modelo de contratação é mensal e o cliente pode escolher quantos trabalhos quer alugar."

O casal afirma que o projeto tem a intenção de fomentar novos colecionadores, impulsionando o mercado: *"Quem convive com arte é inevitavelmente capturado e acaba aprimorando o olhar. É natural que se desenvolva o interesse pela diversidade de linguagens, correntes e suportes, e o início de uma coleção é um caminho muito provável"*, afirma Fabio.

Além da locação de obras, a Renttarrt promove visitas mediadas a ateliês de artistas, galerias e exposições. Com relação aos preços, o cliente paga por mês o correspondente a cerca de 2% do valor das obras alugadas, sendo o mínimo de R\$ 1.500/mês.

CONTATOS

(21) 99986-7707 | renttarrt@gmail.com | [@renttarrt](https://www.instagram.com/renttarrt)



Luis Zerbini, *Semente Vermelha*, 2019-2020

Foto: Fabio Souza



Felipe Fernandes, *Sem título*, 2013

Foto: Fabio Souza



ESQUIANDO NAS
DOLOMITAS,
SEM NUNCA
TER QUE REPETIR
PISTA ALGUMA

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com



Se tivesse que eleger apenas um quesito para decidir onde passar uma semana inteira me deliciando com os esportes de inverno, eu diria que vale o tamanho da área esquiável. Daí, a região de Val Gardena, situada entre o norte da Itália e o sul do Tirol, na Áustria, se torna imbatível quando comparada com outros destinos na Europa. Além de se destacar como o maior circuito de esqui do mundo – 1220 quilômetros de pistas interligadas entre 12 zonas –, é também reputada pelos atributos cênicos: o vale é emoldurado pela cadeia das montanhas Dolomitas, por sua vez site da Unesco e Patrimônio Mundial, e uma infindável variedade de paisagens estonteantes, capazes de deixar qualquer um de queixo caído.

Porém, o vale é igualmente renomado pelo fenomenal circuito de Sella Ronda, um delicioso itinerário de 23 quilômetros, composto por pistas entrelaçadas e interligadas, espalhado através de esplêndidos cenários.

Além de *Selva*, um dos pontos de partida, o *Sella* atravessa os vilarejos de Colfosco, Corvara, Arabba e Canazei. Este traçado pode ser percorrido em até menos de seis horas, contando ainda com as paradas estratégicas: uma paradinha a fim de admirar o panorama até onde a vista alcança, tomar um chocolate quente para acalantar o esqueleto, sentar numa atraente *terrazza* e almoçar uma *wrust* ou uma pasta, bebericar uma cerveja... Um clássico na história do esqui, o *Sella* pode ser

desfrutado por 90% dos esquiadores e snowboardistas porque, apesar de longo, é de uma facilidade incrível e muito versátil.

A atmosfera de Val Gardena é bem familiar, perfeita para esportistas em busca de uma região *low profile*, privilegiada pela neve de dezembro a abril. A maioria das pistas está situada entre 1500 a 2300 metros de altitude, e quem quiser pode esquiar o dia inteiro sem jamais deslizar pela mesma pista duas vezes. O pequeno vilarejo de Selva, assim como os outros dois, Ortisei e S.Cristina, que compõem o vale, tem apenas uma rua principal. Não faltam, no entanto, vários aconchegos ostentando três e quatro estrelas, um comércio

focado para turistas com antiquários e ateliês de artesãos locais exibindo seus trabalhos de esculturas em madeira.

Convivendo em harmonia com a calma que reina depois do pôr do sol, *bierhouses* borbulham animadamente durante o *après-ski*, e onde se entornam jarras de cerveja em cascata! Restaurantes que seguem a tendência gastronômica regional, servindo uma apetitosa *fusion* austro-italiana. Não faltam butikques ostentando marcas de renome e lojas de roupas esportivas, especializadas em venda e aluguel de equipamentos.

Um detalhe peculiar é que apesar de Val Gardena hastear a bandeira da Itália e muito embora os uni-



formas da equipe de instrutores da *Top Scuola de Sci* (escola de esqui) sejam assinados por Giorgio Armani, o idioma oficial é... alemão. A língua de Strauss se deve ao fato da região ter pertencido à Áustria durante longos anos. Mas, é claro que todo mundo também fala italiano. Não bastasse a dualidade linguística, existe o dialeto local, o ladino, que resistiu a todas as influências e persiste até hoje na boca do povo e nas escolas. Nem precisa dizer que não dá nem para balbuciar uma palavra, é igualmente indecifrável para os italianos e os austríacos e, é óbvio, para qualquer turista. Mas é também por este quesito, no meio de tantos outros, que esta charmosa região nevada conquista como recanto único e exclusivo.

COMO CHEGAR

O aeroporto mais próximo é Verona. De lá até Selva Gardena são mais 193 quilômetros de carro ou ônibus.

ONDE FICAR

Piz Seteur, hospedagem com toque de aventura

Este *rifugio* é na verdade um pequeno hotel-butique de luxo, empoleirado a 2064 metros de altitude, ao pé do pico mais iconizado das Dolomitas – o Sassolungo. A vantagem de se hospedar neste encantador chalé alpino de apenas nove sofisticadas suítes (todas com vista sobre a deslumbrante cadeia de montanhas) é ser o primeiro a "abrir" as pistas, antes do restante dos esquiadores que sobem de Selva e outros vilarejos. É que para chegar até o hotel, só mesmo esquiando ou...de snowmobile.

Hotel PizSeteur – Plan de Gralba, Selva Gardena

www.pizseteur.com



Hotel-butique Piz Seteur



COMER E PASSEAR

Funghi porcini, apple strudel e artesanato em madeira

Perambular na rua principal de Selva significa uma visita à delicatessen para comprar desde o *funghi porcini* ao suculento *proscutto* e, como estamos na Itália, aproveitar para dar um pulinho na gelateria. Nos vilarejos de S. Cristina e Ortisei, poucos quilômetros abaixo, aproveite para visitar ateliês e lojas de artesanato em madeira, sentar num café e pedir um chocolate quente acompanhado daquela típica torta de maçã austríaca, conhecida como *apple strudel*, servida com creme chantilly. Afinal, depois de queimar muitas calorias esquiando, você merece pecar pela gula.



Comer

Todos os *rifugios* oferecem comida boa, um menu bilíngue e uma mistura de receitas italianas com austríacas. No entanto, poucos recebem os esquiadores com um cardápio altamente sofisticado. Uma salva de palmas para o restaurante Comici, por exemplo, que tem seu peixe e frutos do mar frescos enviados diariamente para o pico da montanha – de helicóptero! Experimente um prato de massa com *funghi porcini* ou camarões, ou até mesmo uma suculenta lagosta!

Rifugio A. Comici

www.rifugiocomici.com



SPA PARA RELAXAR NO APRÈS-SKI

O *Savoy Small Luxury & Spa Hotel Dolomites*, convenientemente recuado da rua principal de Selva, está tinindo após uma recente reforma. Os aficionados por tratamentos de beleza podem aproveitar o spa novinho em folha para fazer massagens, sauna finlandesa, banho turco e tirolês e relaxar após longas jornadas nas pistas. Há também uma quadra de tênis e piscina indoor, tudo à disposição de hóspedes e abertas aos visitantes. www.hotel-savoy.it

PASSE DE ESQUI

Lembre de comprar o passe de esqui na bilheteria da gôndola principal de Selva. Há várias opções e preços, porém o mais aconselhável é investir no *Dolomiti Superski* para explorar o espetacular carrossel de 1,2 mil quilômetros que permite a você usufruir de 460 *lifts* – ou seja, dá para passar pelo menos uma semana sem deslizar duas vezes pela mesma pista. Informações turísticas: www.valgardena.it

AULAS, GUIAS & EXCURSÕES

É também na cidade, em escolas como a *Top Scuola Sci Val Gardena*, que se deve contratar (com 24 horas de antecedência) qualquer aula particular ou em grupo, ou se inscrever nas excursões que partem diariamente para percorrer circuitos diversos, inclusive o Sellaronda. A equipe de instrutores, além de dominar vários idiomas, veste uma indumentária de esqui preta... assinada por Armani.

Top Scuola de Sci Val Gardena: www.topskischool.it

UM SAFÁRI DE ESQUI

Aos esquiadores intermediários, em busca de aventura e a fim de explorar o máximo das 12 áreas do Dolomiti Superski, a operadora *Dolomites Mountains* oferece o programa *Ski Safari*. Consiste em percorrer a região com um guia gabaritado, escolhendo um roteiro por dia e dormindo cada noite em um refúgio alpino diferente. São B&B, confortáveis e aconchegantes, perfeitos para casais ou famílias. Tudo é flexível: número de dias e pistas escolhidas, conforme a habilidade dos participantes.

www.dolomitemountains.com



COMO SE COME BACALHAU NA NORUEGA?

Bruno Calixto

País que pesca e processa 80% do bacalhau consumido no mundo tem uma única receita do peixe salgado e seco, mas também tem ele fresco, uma versão que o Brasil não tem



Aurora Boreal
em Tromsø,
Noruega

Foto: David Gonzáles /
Conselho Norueguês
da Pesca

ÅLESUND E TROMSØ (NORUEGA)

Na Noruega, país que alimenta o mundo de bacalhau, só há uma única receita do peixe nobre salgado e seco: com tomate, azeitonas, batatas e brotos. De influência espanhola, talvez da era das Grandes Navegações. É bem provável que seja desta época o *match* entre os países ibéricos com o bacalhau, pescado nas águas gélidas do Atlântico Norte, gosta de 5 graus negativos para viver bem. Entenda por isso: de Portugal, só herdamos a cultura do bacalhau, porque ele vem mesmo é da Noruega. Os portugueses compram e mandam para cá.

A experiência é completa quando se voa 11 horas até Oslo e depois pega um voo até Tromsø, a Paris do Norte, capital do Ártico e da Aurora Boreal, uma ilha com 70 mil habitantes, a 350 km do Círculo Polar Ártico; o CEP do *Gadus Morhua*, único peixe do mundo que pode ser chamado de bacalhau – o resto é peixe salgado e seco, de espécies como Saithe, Ling e Zarbo. Depois de deixar as malas no hotel, suba de *Fjellheisen* (teleférico) até a borda da montanha Storsteinen (421 m acima do nível do mar) para almoçar no restaurante que está ali desde 1960, funcionando diariamente das 11h às 22h. Daquela cozinha diminuta sai a única receita norueguesa de bacalhau.

O Conselho Norueguês da Pesca aponta que a Noruega pesca, processa e escoia 80% do bacalhau consumido no mundo (mais de 150 países), e o Brasil segue firme no terceiro lugar do ranking das exportações do peixe salgado/seco, atrás de Espanha e Portugal, que compra o peixe salgado para secar e mandar para cá.

A história do *Gadus morhua* é a história da Noruega. Vem da era dos vikings, que comercializam o peixe seco com o restante da Europa em troca de vinhos, temperos, farinha e grãos, além de roupas e jóias. Na Inglaterra, é o queridinho para o famoso *Fish and Chips*. A alta da pesca é no inverno, entre janeiro e março, 70%.

Dados e números à parte, uma outra característica gastronômica única e exclusiva da Noruega é saborear o bacalhau fresco, o que é praticamente impossível no resto do mundo.

Um dos maiores restaurantes especializados em frutos do mar de lá, o *Fiskekompaniet* é o endereço certo para isso. O interessante é que o peixe nobre é pescado em pequenos barcos de 35 pés, onde só cabem dois pesca-

Restaurante Fiskekompaniet

Foto: Fiskekompaniet / Tripadvisor



dores. São cinco mil deles por toda a Noruega. A pesca é feita do modo tradicional: vara, linha e anzol.

E para derrubar de vez o mito, bacalhau tem cabeça sim, e ela vai toda para a Nigéria, também segundo o Conselho Norueguês da Pesca, que pretende ampliar os laços econômicos com o Brasil para nosso país consumir mais pescados do que os atuais 9 kg *per capita* anuais, quando a recomendação da OMS é 12 kg.

De acordo com o órgão, este ano, o Brasil importou 12,66 mil toneladas de pescado da Noruega, com valor de mercado de US\$ 81,07 milhões. “A venda em 2022 ultrapassou a de 2021 mas nada chega ao período pré-pandemia”, compara o diretor do Conselho Norueguês da Pesca no Brasil e Caribe, Øystein Valanes.

O jornalista viajou a convite do Conselho Norueguês da Pesca

BACALHAU DE NATAL COM ESPECIARIAS



O mais aromático dos bacalhaus de Natal

Foto: Seafood From Norway / Divulgação

INGREDIENTES

1kg de bacalhau da Noruega (<i>Gadus morhua</i>)	3 colheres de sopa de raspas de laranja
4 ramos de alecrim	6 batatas
6 dentes de alho	6 tomates
400ml de azeite de oliva	2 ramos de tomilho
3 anis estrelados	8 gemas
4 cravinhos	150ml de suco de laranja
6 grãos de pimenta da Jamaica	4 ramos de endro
6 grãos de pimenta do reino	1/2 colher de chá de pimenta moída
10 grãos de pimenta rosa	Sal

PREPARO



Bacalhau da Noruega

Foto: David Gonzáles / Conselho Norueguês da Pesca

Faça raspas de laranja com um descascador ou ralador e retire a pele do alho. Coloque os lombos de bacalhau já dessalgados em uma travessa, cubra com as raspas de laranja e regue com um pouco de azeite.

Junte em seguida a pimenta-da-jamaica, o anis estrelado, a pimenta-preta e os grãos de pimenta-rosa. Adicione os ramos de alecrim e o alho.

Regue novamente com um pouco mais de azeite.

Leve ao forno, pré-aquecido a 120°C, durante 2 horas e regue com o molho.

Prepare o tomate confitado: retire a pele do tomate, abra-o ao meio e parta-o em quartos retirando também as sementes. Coloque em uma travessa e cubra com um pouco de azeite e tomilho. Leve ao forno a 120°C por 40 minutos.

Para preparar o molho, coloque as gemas num liquidificador e tempere com sal, pimenta-preta e azeite.

Ligue o liquidificador para que emulsione. Junte o suco de laranja e os raminhos de endro.

Volte a bater tudo até que tenha consistência de molho.

Cozinhe as batatas e corte-as em rodelas. Retire um pouco do azeite do bacalhau e doure as batatas, por 2 a 3 minutos cada lado.

Sirva o bacalhau acompanhado das batatas douradas, do tomate confitado e com o molho à parte.

Rende 6 porções | Tempo: 60 minutos.



Foto: David Gonzáles / Conselho Norueguês da Pesca

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868